

# JORNAL DOS Trabalhadores

ANO I Nº 19 Quinzenal 20 de janeiro de 1983 Cr\$ 80,00

## Recado do Lula



### Enfrentar o arrocho

A demissão em massa de quase três mil metalúrgicos da Mercedes Benz em São Bernardo do Campo, infelizmente, não parece ser a única deste ano que começa. Demissão em massa é uma doença contagiosa: se não for curada em tempo, se alastra. Os próprios empresários já estão dando a entender que haverá outras, "por causa da crise econômica". E o ministro do Trabalho não soube dizer outra coisa que lamentar não ter sido avisado antes...

O desemprego aumenta e não é só no ramo metalúrgico. O custo de vida sobe todo dia. As concessões que o Governo brasileiro fez ao FMI — por causa dos empréstimos que esse mesmo Governo havia tomado dos bancos internacionais — só vão piorar as coisas. As multinacionais agora podem mandar para suas matrizes nos países estrangeiros os lucros que quiserem, porque o acordo com o FMI estabeleceu que o Governo vai afrouxar a fiscalização.

Isso tudo quer dizer que os trabalhadores devem se preparar para enfrentar um ano difícil. Agora, vejamos bem: preparar-se não quer dizer ficar bonzinho e aceitar resignadamente a super-exploração dos patrões e do Governo. Quer dizer o contrário: quer dizer organizar-se, nos sindicatos, nas associações, na política, para oferecer um mínimo de resistência. Porque, senão, o arrocho em cima da classe trabalhadora vai ser cada vez pior.

### Editorial

#### Fortalecer o PT

A crise do País e as novas prioridades  
P.2

## Corinthians e Adilson chutando em gol

P.7

# Demissões para baixar os salários

O ano de 1983 começou com a Mercedes Benz demitindo, de uma só vez, três mil metalúrgicos. Logo outros patrões disseram que pode haver novas demissões em massa. Quase ao mesmo tempo, o Governo Federal resolve apressar a mudança da política salarial, com que vinha ameaçando os trabalhadores desde o ano passado.

Mas os trabalhadores brasileiros estão dispostos a não ficar quietos. Já começaram a se movimentar, fazendo reuniões, assembléias, abaixo-assinados. E estão decididos a ir além disso: já começam as primeiras paralisações, em sinal de protesto contra as demissões, o arrocho salarial e o custo de vida.

P. 3



Com as demissões e os arrochos, o povo procura qualquer expediente para sobreviver (Foto: Vera Lúcia).

Argentina  
contra a  
Ditadura  
Militar

P.2

Conclusão  
do debate  
sobre a  
campanha

P.4

Erundina,  
a vereadora,  
diz o que  
veio fazer

P.5

Como o povo  
da Zona  
Leste criou  
o Conselho

P.6

A Carta de  
Camucin  
conta as  
violências

P.7

## Estudos e debates



Está inaugurada a sede do Instituto Wilson Souza Pinheiro, órgão do Partido dos Trabalhadores encarregado de promover estudos e debates sobre os temas políticos e nacionais que interessam à classe trabalhadora brasileira e à atuação teórica e prática dos filiados e simpatizantes petistas.

A Fundação que mantém o Instituto Wilson Pinheiro está sediada em São Paulo, mas é um órgão de caráter nacional e espera contar com a colaboração dos petistas de todo o País. O Instituto já começou a fazer sua programação para este ano, que inclui cursos, debates, seminários e ciclos de estudo.

P. 5

## Trabalhadores começam a protestar

Os funcionários públicos federais protestaram com greves, contra o reajuste salarial de 70% concedido à categoria pelo Governo Federal. No Rio Grande do Sul, os funcionários públicos federais paralisaram suas atividades por uma semana, pressionando o Governo a iniciar negociações com a categoria para rediscutir o índice do reajuste. A greve foi suspensa no Sul. Mas no dia 18, recomeçou em São Paulo. Ainda em São Paulo, os 1500 funcionários da Escola Paulista de Medicina paralisaram suas atividades, por 24 horas, também em protesto aos 70% concedidos pelo Governo Federal.

Apesar da pouca mobilização verificada nos movimentos de protesto realizados até o momento, as entidades que representam os funcionários públicos federais, principalmente do Rio Grande do Sul e de São Paulo, não descartam a possibilidade de novas paralisações, com a previsão cedendo reajuste acima dos atuais 70% propostos.

### Dezoito mil

Dirigentes dos Sindicatos de Metalúrgicos do Rio Grande do Sul marcaram encontro com o governador do Estado para apresentar a situação da categoria, que sofreu 18 mil demissões nos últimos 18 meses.

A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Jerônimo, distante 68 km da capital ficou acampada frente aos portões da siderúrgica Aços Finos Piratini para dar assistência aos funcionários demitidos, que já são 330. Apesar da empresa ter assegurado que não haveria mais dispensas, estas estão ocorrendo. A diretoria da empresa alega dificuldades econômicas.

### Arrocho

A Comissão Estadual Pró-CUT de São Paulo divulgou manifesto em repúdio a implantação de quaisquer medidas, pelo Governo federal, que alterem os reajustes semestrais, que retirem o adicional de 10% do INPC para os que recebem de um a três salários mínimos, que aumentam a periodicidade ou modifiquem o cálculo do INPC.

O manifesto repudia a interferência do Fundo Monetário Internacional (FMI) na economia brasileira e nega que os reajustes salariais são inflacionários.

A Comissão Estadual Pró-Cut Paulista iniciou a coleta de assinaturas para um abaixo-assinado, junto aos sindicatos, personalidades, entidades de classe repudiando a intenção do governo em impor um novo arrocho salarial à classe trabalhadora.

## Auto-crítica da Direção Nacional do PT

Última

Editorial

# Fortalecer o PT

O ano de 1983 já está mostrando que vai ser um ano particularmente difícil para a classe trabalhadora brasileira.

A política econômica dos Governos que vêm se sucedendo desde 1964, por ser de franca defesa dos interesses patronais brasileiros e estrangeiros, conduziu o País a uma crise sombria. Os acordos que o Governo acaba de fazer com o FMI mostram a que grau chegamos, em matéria de dependência das multinacionais e dos países capitalistas poderosos. Como decorrência, tudo indica que a recessão, longe de ter terminado, vai se aprofundar nos próximos meses.

Os primeiros sinais do aprofundamento da recessão já estão visíveis: demissões em massa no setor bancário e na indústria automobilística, inflação e aumento do custo de vida, tentativa de aumentar o arrocho salarial, corrupção e escândalos estourando por toda a parte.

Diante desse quadro, a classe trabalhadora não pode ficar inerte.

Passada a euforia das eleições, em que grande parte do eleitorado brasileiro demonstrou, de alguma forma, seu descontentamento com o Governo, os trabalhadores precisam retomar certa frieza e serenidade na análise da situação.

As raízes mais profundas da crise brasileira estão na sua estrutura econômica e social, e essa não mudou absolutamente nada. Os Governos estaduais que permaneceram com o PDS nada farão para mudar essa estrutura, pois estão vinculados aos setores mais reacionários e corruptos das classes dominantes, isto é, das classes que exploram e reprimem a classe trabalhadora. Os Governos estaduais do PMDB, apesar das promessas da campanha eleitoral, também nada farão, porque também estão ligados às mesmas classes dominantes.

Os trabalhadores, assim — e como sempre! — não têm senão a si mesmos para resolver seus próprios problemas. E, para enfrentar o imenso poderio de seus inimigos — o Governo, os patrões, as multinacionais — os trabalhadores têm de

fortalecer os seus próprios instrumentos de defesa e contra-ataque.

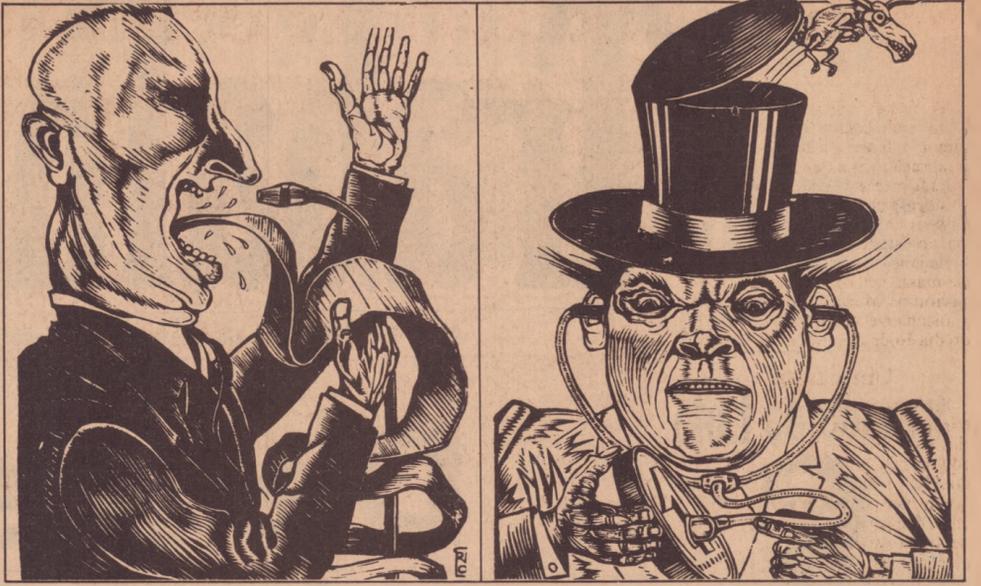
O Partido dos Trabalhadores é um desses instrumentos. O PT já vai chegando ao final da fase de avaliação das eleições e do seu próprio desempenho na campanha eleitoral e na conjuntura política. Apesar de numerosos pontos de vista ainda em debate, uma conclusão vai se impondo como consensual entre as bases petistas de todo o País: o Partido tem de crescer e fortalecer-se, para ser um bom instrumento de luta dos trabalhadores nesta época de crise.

O crescimento e o fortalecimento do PT estão baseados em três tarefas prioritárias: 1) todo empenho na nucleação e na reativação dos Núcleos de Base, com expansão da filiação e da formação política dos militantes; 2) fortalecimento da estrutura organizativa do Partido; 3) participação direta e ativa nos movimentos populares, aí incluído o movimento sindical.

É a essas três tarefas prioritárias que devem dedicar-se todos os militantes petistas. E isso implica na elevação do nível de discussão política, tanto nas bases quanto nas direções. E também implica, em contrapartida, na elevação do senso de responsabilidade e disciplina partidárias, por parte de todos.

Sem recursos materiais, e com bancadas parlamentares ainda pequenas, o PT só pode constituir uma força de peso na luta dos trabalhadores se for capaz de desenvolver ao máximo a sua unidade política. Se a atuação política dos petistas — no Parlamento, no sindicato, no movimento popular — fragmentar-se em inúmeros caminhos divergentes, o PT será um zero à esquerda, na atual conjuntura político-partidária e na atual crise econômica e social. Se os petistas souberem fazer convergir para uma unidade comum de propósitos as diferenças, embora naturais, de pontos de vista, o PT terá justificada a sua existência.

A classe trabalhadora brasileira tem poucos instrumentos de luta efetiva. O PT, repetimos, é um desses instrumentos. Não pode falhar, agora que a classe trabalhadora mais vai precisar dele.



Internacional

# Povo quer fim da ditadura

Na Argentina, dois protestos vão marcar o ano de 83

Este ano de 1983 vai ser decisivo para a Argentina. E dois acontecimentos ocorridos em dezembro são muito importantes para definir os rumos do país.

### A greve do dia 6

O primeiro desses acontecimentos foi a greve geral do dia 6 de dezembro. Durante 24 horas, a Argentina ficou totalmente paralisada, porque logo de início 90 por cento dos trabalhadores aderiram ao movimento. Os que sobraram — menos de dez por cento — tiveram que entrar em greve por falta de condições para trabalhar. Um detalhe importante da greve é que ela foi convocada pelas duas centrais sindicais que disputam a liderança do movimento operário argentino: a CGT-Brasil (combativa) e a CGT-Azopardo (conciliadora). Esse fato é considerado pelos líderes das duas centrais como um passo importante para a reunificação do sindicalismo na Argentina.

A greve foi realizada contra os baixos salários, a carestia, o desemprego, a política econômica que levou o país à crise, e para exigir a democracia.

### A manifestação do dia 6

A ditadura militar não reprimiu a greve do dia 6.

Mas fez tudo para impedir o segundo acontecimento importante de dezembro, que foi uma grande manifestação política realizada em Buenos Aires no dia 16, com a participação de 300 mil pessoas. A manifestação foi convocada pela Multipartidária, que é uma organização que reúne os cinco principais partidos políticos da Argentina.

Durante a semana que antecedeu a manifestação, o Governo militar fez de tudo para conseguir um acordo que permitisse o seu cancelamento. Mas foi praticamente impossível.

Os partidos políticos argentinos querem que os militares deixem o poder o mais cedo possível. Eles acreditam que há totais condições técnicas para a realização de eleições gerais (inclusive para a presidência) já no mês de julho e exigem que os eleitos

sejam empossados o mais tardar em outubro.

Enquanto isso, os militares simplesmente não sabem o que fazer. Eles estão completamente desmoralizados pela incompetência política e administrativa, e também por causa do fracasso nas Malvinas. Eles sabem que vão ter que entregar o poder mais dia menos dia. Mas estão com medo de um governo civil que apure suas responsabilidades na situação desastrosa em que se encontra a Argentina e principalmente quanto aos milhares de desaparecidos. Por isso, os militares continuam tentando se agarrar no poder.

### Para onde vai?

Antes da manifestação de 16 de dezembro, o presidente da República, general Reynaldo Bignone, prometeu eleições gerais para outubro de 1983. E ficou de apresentar em fevereiro — quer dizer, no mês que vem — o calendário político da democratização da Argentina. Talvez ainda seja esse calendário que venha a prevalecer. Todo mundo sabe que a ditadura militar está com os dias contados, mas ninguém consegue prever ao certo quanto tempo ela vai durar ainda, e existe um risco muito sério de ela não ser substituída pela democracia.

## Italianos protestam

Contra a política econômica, e, principalmente salarial, que o Governo quer impor aos trabalhadores, as populações de oito cidades da Itália fizeram demonstrações de protesto durante quase uma semana. Em Roma, cem mil trabalhadores fizeram greve; em Gênova, oitenta mil e em Bolonha, vinte mil. Além das greves, passeatas.

**Exilados** - Alguns exilados chilenos estão conseguindo voltar ao Chile, embora as restrições da Ditadura de Pinochet às atividades políticas ainda sejam muito grandes.

Por outro lado, o cardel D. Paulo Arns, de São Paulo, fez a denúncia

pública de que existem 7.791 "desaparecidos" na Argentina. A denúncia foi feita por ocasião do encontro entre o general Figueiredo e o general Bignone, presidente da Argentina, em Foz do Iguaçu.

**Imperialismo** - O presidente da Junta de Governo da Nicarágua, Daniel Ortega, falando na Conferência do Movimento dos Países Não-Alinhados, denunciou a presença militar norte-americana intensa, em toda a América Central, e também na América Latina. Um dos objetivos dos assessores militares norte-americanos — disse Ortega — é acabar com a revolução sandinista.

**Salários** - A Central Operária Boliviana fez a advertência de que será obrigada a decretar uma greve geral, se o Governo liberal-burguês de Ziles Suazo não tomar medidas que beneficiem os salários dos trabalhadores bolivianos, principalmente dos mineiros.

E, no Equador, organizações sindicais do funcionalismo público também se preparam para deflagrar uma greve de duzentos mil servidores se não forem aumentados os salários.

**Resistência** - Na passagem do ano, destacamentos de soldados do Afeganistão se rebelaram contra os objetivos soviéticos, que há dois anos dominam o País.

Desde a invasão do Afeganistão pela URSS têm havido incidentes e escaramuças entre os soldados afegãos e os soviéticos, mas agora há indícios de uma rebelião mais organizada.

## Assine o Jornal dos Trabalhadores

Assinale o tipo de assinatura que V. quer e envie este cupom, corretamente preenchido, juntamente com cheque nominal, cruzado, em nome de **Jornal dos Trabalhadores**, rua Andréa Paulinetti, 558, Cep 04707, São Paulo, SP, Telefone (011) 531-0618. Nome: .....

Profissão: ..... Idade: .....

Endereço: (rua, número) .....

CEP..... CIDADE..... ESTADO .....

- Cr\$ 1.100,00 (12 números)
- Cr\$ 2.200,00 (24 números)
- Cr\$ 5.000,00 (apoio, 24 números)
- Cr\$ 2.000,00 (Coleção Completa, do nº 1 ao nº 24)

### Para o Exterior (12 números)

- Grupo I — A. do Sul e A. Central —  Cr\$ 3.000,00 (US\$13)
- Grupo II — A. Norte, Port. Espanha —  Cr\$ 4.000,00 (US\$18)
- Grupo III — Resto do Mundo —  Cr\$ 5.000,00 (US\$22)

## Cartas

"Companheiros: podemos tirar várias lições das eleições de 82. Mas eu, pessoalmente, chamo a atenção para a importância dos meios de comunicação e da necessidade de termos os nossos próprios meios. Espero que todos entendam a necessidade de fortalecer o **Jornal dos Trabalhadores** e o Instituto Wilson Pinheiro. Mas, além disso, dou uma sugestão para a Executiva Nacional e para todos os diretórios. Vamos criar a nossa Rádio Nacional em ondas curtas, para influenciarmos mais o nosso povo, e se não for possível de início uma rádio, pelo menos um programa do PT em uma rádio de ondas curtas, diariamente."

Eduardo Araujo, Viçosa, MG



"Vemos que o PT, hoje, está dividido em várias correntes ideológicas, que se digladiam e conchavam entre si, na tentativa de que suas propostas sejam levadas como propostas do PT. A grande maioria dos simpatizantes e militantes do PT não sabem sequer da existência dessas correntes ideológicas, ou, quando sabem, não entendem bem qual é a diferença de uma com a outra ou qual é o tipo de ação política que cada uma defende. Apesar das afirmações em contrário, estou

convencido de que essas correntes, com maior ou menor intensidade, trabalham, realmente, mais em interesse próprio do que pelos interesses do PT. Além disso, acredito que a teoria e sobretudo a prática das esquerdas em geral seja elitista, autoritária, conchavista e manipuladora. Pela formação de um grupo independente, aberto, não conchavista, não autoritário! Pela prática frequente da discussão política do PT! Pelo avanço da luta de classes!"

Antonio Carlos Munhoz, São Caetano do Sul, SP



"Preciso denunciar a mentira, particularmente grave em véspera de eleição, segundo a qual não era possível votar em candidatos do PT nos Municípios sem Diretório do PT. Em Marcelino Ramos, o sr. Pedro Zanferari, candidato a vice-prefeito numa das sublegendas do PDS, atemorizava pessoas com essa falsa informação. Igual procedimento teve o sr. Antoniuk, candidato do PDT nesse Município citado. A mesma falsidade foi divulgada em Rondinha, Erval Grande. Quanto não terá sido divulgada essa falsa informação, no Estado e no País, escorada na Lei Falcão?"

Ernesto Cassol, Erechim, RS



## Jornal dos Trabalhadores

Órgão oficial do Partido dos Trabalhadores — PT • Nacional • Quinzenário • Reg. 055615/82, Publicação da Universal S/C Ltda. (CGC: 47.826.904/0001 (34). Redação e Administração — Rua Andréa Paulinetti, 558, CEP 04707 — São Paulo — SP — Brasil Tel.: 531-0618.

Editor responsável: Perseu Abramo (reg. prof. 5436, mat. sind. 1085). Administração: Francisco Rodrigues Martins, Departamento Jurídico: Luiz Eduardo Greenhalgh. Composição, Foteito e Impressão: Rua Arthur de Azevedo, 1.977 — Fones: 212-5061 e 814-4046.

# Recomeçam as demissões

Estratégia de patrões e Governo para reduzir salários

"A única forma que conheço, como trabalhador e sindicalista, para combater as demissões, é a paralisação geral das máquinas."

A afirmação é de Jair Meneghelli, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, no Estado de São Paulo, no dia 13 de janeiro, ao saber da demissão em massa determinada pela multinacional Mercedes Benz, que praticamente desativou o setor de produção de caminhões.

## Um quarto

Em nota oficial, a Mercedes Benz afirmou ter demitido 2.894 operários da fábrica de São Bernardo e 840 da de Campinas. Sindicatistas do ABC, contudo, acreditam que se a empresa confessou ter demitido 2.900 é porque, na verdade, demitiu ou ainda vai demitir muito mais.

Com essa demissão em massa, a empresa reduziu de um quarto o seu quadro de pessoal, que era de 12.000 empregados. Em relação a julho de 1981, a Mercedes reduziu o número de operários em 43%. E, segundo Jair, noventa por cento dos 5.200 demitidos de 81 ainda não conseguiram emprego e vivem de biscates. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos afirma que as indústrias automobilísticas já não estão nem mesmo fazendo a rotatividade (demitir para readmitir com salários mais baixos): "Elas estão demitindo mesmo, e só".

## Onda de demissões

Os sindicalistas acham que a demissão massiva da Mercedes é o começo de uma nova onda de desempregos em todo o País. José Onofre de Souza, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Betim, em Minas Gerais, receia que, a exemplo da Mercedes paulista, a Fiat mineira também decida demissões em massa nas próximas semanas.

O receio não é só dos representantes dos trabalhadores. Os patrões também já estão procurando preparar o terreno para mais demissões em massa. O presidente do sindicato patronal Sindipeças, Carlos A. de Oliveira, comentando as demissões da Mercedes, disse acreditar que elas vão provocar novas dispensas, "por causa dos juros que os banqueiros estão cobrando". E o presidente da Fiat mineira, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, afirmou recentemente que não pode garantir a estabilidade no emprego dos operários até o final do primeiro semestre deste ano.

## Formas de luta

Diante do início da onda de demissões em massa e desemprego, os trabalhadores procuram formas de reagir. Jair Meneghelli, ao saber das demissões, convocou imediatamente uma assembléia, com demitidos ou não, para estudar as formas de luta. Jair lembrou que os metalúrgicos do ABC estão iniciando a sua campanha salarial anual (a data base é 1º de abril) e que, todo ano, nessa época, as



No dia 24 de janeiro os operários vão fazer assembléia na porta da Mercedes, como fizeram na porta da Ford em 82 (Foto: Vera Lúcia)

empresas demitem e fazem represálias contra os empregados para arrefecer o ímpeto da campanha. Mas Jair acredita que, se os trabalhadores não se deixarem atemorizar pelas ameaças e punições patronais, poderão enfrentar a nova crise de emprego.

Nem todos os sindicalistas, contudo, pensam assim. Cid Ferreira Souza, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, disse que, diante da demissão em massa, não há muito o que fazer, e ele vai enviar "um apelo a Murilo Macedo, ministro do Trabalho".

## Hipocrisia do ministro

Mesmo antes de apelos do tipo de Cid Ferreira, o ministro Murilo Macedo já deixou claro o que pensa a respeito. No dia em que foi anunciada a degola, o ministro do Trabalho estava em São Paulo (certamente não por coincidência) e, simplesmente, "lamentou" que a Mercedes não tivesse avisado o Ministério antes de fazer as demissões. E, em seguida, elogiou a empresa por ter tido uma atitude "humana". A Mercedes, além de prometer pagar as indenizações — o que é mera obrigação legal — também prometeu pagar mais quatro salários aos demitidos e garantir-lhes assistência médica até o fim do ano.

"Ora — disse Jair Meneghelli — se a Mercedes pode pagar mais quatro salários, então ela não está em dificuldades econômicas e não precisaria ter demitido três mil empregados."

Quanto à assistência, os trabalhadores sabem que as empresas médicas que tem convênios com as outras empresas cuidam apenas do interesse dos patrões, para evitar pagamento de benefícios, e não do interesse dos empregados.

## Mais arrocho salarial

Mas a atitude do Governo e dos patrões vai mais além — do que simplesmente "lamentar" e achar naturais as demissões em massa. Observadores da área sindical e política estão convencidos de que as demissões em massa que se iniciam fazem parte de uma estratégia mais

geral de arrocho da classe trabalhadora, e visam, principalmente, a criar o fantasma do desemprego para poder mudar a política salarial e baixar ainda mais os salários em geral.

Na mesma ocasião em que a Mercedes Benz demitia em São Paulo, de uma só tacada, três mil operários, um estranho acordo entre patrões e empregados era sacramentado em Porto Alegre. Por pressão dos patrões e do Governo, os oito mil trabalhadores em telecomunicações do Rio Grande do Sul foram obrigados a aceitar um dissídio assinado pelo seu sindicato, desistindo do aumento salarial derivado da produtividade. Ou seja, os empregados ficaram apenas com o reajuste na base do INPC e não tiveram nenhum tostão de aumento real, apesar de a inflação, no Rio Grande do Sul, como em todo o Brasil, estar a mais de 100%! A ameaça foi a de sempre: a empresa não podia dar aumento sem demitir empregados.

Os trabalhadores em telecomunicações de São Paulo, para evitarem cair no mesmo logro, já solicitaram à Justiça do Trabalho uma perícia para saber quais foram os lucros reais das empresas desse setor em São Paulo, e exigir o aumento com base na produtividade.

## Franqueza dos patrões

Para o Governo e para os patrões, contudo, atitudes como essas dos metalúrgicos do ABC ou dos trabalhadores em telecomunicações paulistas são demagógicas ou subversivas. O eterno ministro Murilo Macedo aproveitou a ocasião de estar em São Paulo comentando as demissões da Mercedes para elogiar aqueles trabalhadores que não têm vínculos político-partidários, ou seja, aqueles que aceitam resignadamente não pedir aumentos, não fazer greves e se limitam aos apelos humanitários a Sua Excelência.

E o jornal "O Estado de São Paulo", porta-voz da grande burguesia, é ainda mais franco. Comentando a decisão do Governo federal — de reduzir por decreto os salários dos trabalhadores, mas

com a anuência do Congresso — o "Estado" publica um editorial no dia 15 de janeiro com esta pérola do pensamento político liberal-burguês: "Os deputados e senadores não devem ceder às pressões de demagogos, que pretendem representar a classe operária, enquanto na verdade representam apenas os privilegiados, que conseguiram manter seu emprego. O Congresso deveria ter em mente a atitude realista do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações do Rio Grande do Sul, que, consciente das dificuldades da hora, aceitou um reajuste salarial sem exigir prêmio de produtividade, evitando, assim, um corte de empregados."

Consciente das dificuldades da hora, o mesmo jornal publica o anúncio de um novo lançamento automobilístico: o Limousine Landau da Ford, com separação de vidro (acionada automaticamente, é claro) entre o banco do motorista e o dos passageiros, mesa-console com comandos elétricos, poltronas embutidas de frente para o banco traseiro, geladeira e armário para copos de uísque embutidos nos braços da poltrona. Preço: dez milhões e meio de cruzeiros para o revendedor...

## Greve

Mas os metalúrgicos da Mercedes Benz estão dispostos a não ficar quietos. Três dias depois da degola, fizeram uma assembléia no Sindicato de São Bernardo. Os de Campinas formaram uma comissão que irá a São Bernardo entender-se com os companheiros de lá.

Em S. Bernardo, dia 15, discutiram a situação e resolveram fazer nova assembléia — dessa vez na porta da Mercedes — no dia 24, que é a data em que terminam as férias coletivas compulsórias impostas pela empresa aos empregados, desde o dia 16 de dezembro.

Na assembléia do dia 24, o presidente do Sindicato, Jair Meneghelli disse que vai propor a greve. E Oswaldo Bargas, secretário do Sindicato, explodiu: "Os patrões que se danem com a sua crise. Queremos resolver a nossa!"

## Palanque

### Escândalo

O escândalo da Delfin ainda vai dar muito o que falar, pelo menos extraoficialmente. A companhia financeira vendeu ao BNH, isto é, ao Governo, terrenos por um valor escandalosamente maior, para poder se safar de dívidas e aumentar os lucros dos seus donos. O Governo pagou à Delfin, com o dinheiro do BNH — isto é, com o dinheiro dos trabalhadores — uma quantia enorme, que daria para fazer milhares de casas populares.

Não é só pelo som do nome, que é parecido. Mas o escândalo da Delfin lembra muito o escândalo do Delfim, anos atrás, quando manipulou dados estatísticos para também roubar o dinheiro dos trabalhadores.

Do ponto de vista legal, é claro, o escândalo Delfin não vai dar em nada. Deram em alguma coisa os escândalos da Previdência Social? Ou da bomba do Riocentro?

### Grileiros

O prefeito biônico da Capital paulista deu um pedaço do parque da Aclimação, um parque público, para uma empresa privada que opera no ramo do ensino, o Colégio Anglo-Latino. Isto é, tomou um pedaço de terra pública e deu para particulares. Se o prefeito paulista fosse um trabalhador rural e fizesse coisa parecida, ia ser assassinado pelos fazendeiros, no mínimo, ia ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional e morar na cadeia.

No meio do escândalo federal — o caso Delfin — e do escândalo municipal — o caso Parque da Aclimação — estourou um escândalo estadual: a Caixa Econômica também fez operações irregulares com os terrenos de Centreville, no ABC.

### Para consulta

Como os "inquiridos" policiais para apurar a tentativa de fraude eleitoral no Rio não deram em nada, o Tribunal Regional Eleitoral resolveu pedir abertura de novo inquérito contra a Pro-Consult, a empre-

sa de processamento de dados que, juntamente com a TV Globo, quase elegeu governador fluminense o pedesista Moreira Franco, no lugar de Brizola, que apenas o povo preferiu.

Mas ninguém está acreditando que esse novo inquérito seja para valer. "É só para consulta...", dizem os cariocas.

Enfim, é mais um escândalo que não vai dar em nada. Eta país escandaloso...

### Saladas

Os Governos estaduais que foram ganhos pelo PMDB já estão começando a mostrar alguns temperos das saladas que fizeram e que estão fazendo.

Em São Paulo um deputado peemedebista reclamou porque seus colegas de bancada incluíram seu nome à revelia num abaixo assinado ao governador eleito Montoro. O abaixo-assinado era para fazer valer o papel do Legislativo diante do Executivo.

Os peemedebistas mineiros também não sabem como responder quando lhe perguntam o que é que o Trancredo Neves foi fazer no encontro com o pedesista Antonio Carlos Magalhães, da Bahia. Dirigentes baianos do PMDB fingem indignar-se diante dos sinais de aproximação com o Governo. Mas o que eles queriam? Que o PMDB fizesse oposição para valer, mesmo?

E a história mais estranha é essa da "desativação" das políticas políticas (DEOPS) nos Estados onde o PMDB é Governo. Nessa área, a estratégia do PMDB foi tão "maquiavélica" e complicada (boatos, informações, contra-informações, balões de ensaio, desmentidos, etc.) que agora não se sabe se: 1) O PMDB não quer reprimir os trabalhadores na hora em que começarem as greves; 2) — O PMDB não quer reprimir ninguém, em momento algum; 3) — O PMDB quer reprimir só as pessoas certas nos momentos oportunos; 4) — o PMDB não quer reprimir com as próprias mãos, isto é, quer que os reprimíveis sejam reprimidos, mas pelo PDS; 5) — Nenhuma das anteriores, e o PMDB não está nem aí.

Quem acerta a resposta, passa no vestibular.

## Professor quer unir e mobilizar colegas

Propõe um encontro nacional

Professores e funcionários das Universidades federais fizeram uma greve de várias semanas, no final do ano passado. Um dos delegados de Pernambuco no Comando Nacional da Greve, Paulo Rubem Santiago, membro do PT, faz a seguinte avaliação da greve e do papel desempenhado pelo Partido dos Trabalhadores:

"A greve mostrou a capacidade de articulação entre dois setores de peso. Os docentes, vindos de duas greves em 1980 e 1981, uniram-se mais uma vez em defesa de reivindicações salariais e políticas, estas, relativas à reestruturação da Universidade. Os funcionários, pela primeira vez, levaram adiante uma mobilização nacional, só não atingindo maior grau por causa da diretoria imobilista e cupulista da Federação das Associações de Servidores das Universidades Brasileiras. Na grande maioria das Universidades as diretorias das Associações de Servidores tentaram segurar o movimento, impedindo sua extensão ou até mesmo tentando decretar seu fim sem consultas às assembléias da categoria."

"Sem dúvida, a efetivação de uma greve nacional de servidores, nas universidades, foi o rompimento prático da Lei de Greve, o que abre espaço para mobilizações crescentes entre docentes-servidores e demais setores do funcionalismo".

### Papel do PT

Sobre o papel do PT, Paulo Rubem disse o seguinte:

"No Comando dos Docentes, pelo menos 60% dos integrantes eram militantes ou simpatizantes do PT. No entanto, como docentes e como petistas, muito poucos vêm desenvolvendo uma ação política específica, quer em núcleos de universidade, quer em secretarias de cultura ou formação, quer ainda na organização de nossa Fundação Wilson Pinheiro".

"Nosso Partido apresentou muitas fragilidades na recente campanha eleitoral, no que se refere à elaboração de propostas de Governo a nível da educação, da cultura, especificamente, a nível da escola e da universidade. Apesar de termos milhares de militantes que trabalham nessas áreas, pouca foi a produção política dos mesmos a servir de subsídio para nossos

candidatos majoritários e proporcionais".

Para superar essas falhas, Paulo Rubem sugere:

"A organização dos docentes visando a discussão, sob a ótica do PT, da questão da Universidade Brasileira e da Educação em geral, do movimento da categoria dentro do movimento sindical de cada Estado e a nível nacional; e sua participação dos organismos do Partido mais próximos da questão da cultura, do conhecimento e da formação política (Secretarias de Cultura, de Formação, Fundação Wilson Pinheiro, etc.)"

### Encontro

Paulo Rubem informa que já há algumas experiências de núcleos ligados à Universidade, com atuação determinada no PT; no Espírito Santo — diz ele — existe um núcleo do PT na UFES, que informa o Partido sobre vários assuntos e temas. Paulo Rubem diz que começa a se esboçar a possibilidade de um encontro informal, a ser realizado no final de janeiro, de todos os docentes que venham a participar do II Congresso Nacional da Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES) marcado para Fortaleza, sejam eles simpatizantes ou filiados do PT.

Podendo ser realizada em Recife ou alguma cidade mais próxima de Fortaleza, tal encontro teria como objetivo, diz Paulo Rubem, discutir os seguintes pontos: o PT e as lutas na universidade brasileira; a articulação do movimento docente com servidores e estudantes; a luta dos funcionários da Universidade e as lutas do funcionalismo público em geral; movimento de funcionários e movimento sindical e a organização dos docentes no PT.

O professor pernambucano diz que uma proposta dessa reunião será discutida pelo Núcleo do PT na UFPE e encaminhada aos organismos locais e nacional de direção do PT.

"Paulo Rubem finalizou declarando que os petistas que estiverem interessados em manter contato para esses encontros podem dirigir-se a ele, pelo telefone 326-4805, em Recife, ou com Anísio Brasileiro, na Associação dos Docentes da Universidade Federal de Pernambuco, Cidade Universitária, Recife.

## O desemprego vem aumentando no País

A recessão econômica iniciada em 1981 reduziu as ofertas de emprego, somente no Estado de São Paulo, em 780 mil vagas. Segundo dados fornecidos pela RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) os níveis salariais também não conseguiram acompanhar o ritmo da inflação, reduzindo o poder aquisitivo dos trabalhadores do Estado em 1,7%.

Na região Nordeste os trabalhadores tiveram uma perda salarial ainda maior, reduzindo em 3,7% o poder de compra de seus salários. Por outro lado, a oferta de emprego no Nordeste aumentou em 9,6% enquanto que na região sudeste houve uma queda de 1,1%.

Aumentaram o nível de emprego em São Paulo, no ano passado, a administração

pública e autárquica, a agropecuária, os serviços de representações comerciais, o setor imobiliário, os bancos e as entidades financeiras. Mas os setores que mais sofreram, apresentando uma queda no nível de oferta de emprego foram da indústria de material de transportes, borracha, metalúrgica, mecânica, material elétrico e de comunicações e da indústria de produtos minerais não metálicos.

No mesmo período registrou-se um aumento nas demissões e novas contratações, caracterizando uma rotatividade muito grande. Os setores que apresentaram maior índice de rotatividade na região sudeste foram: administração pública e autárquica, setor imobiliário, a agropecuária e a construção civil.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no mês de outubro o índice de desemprego baixou em cinco regiões metropolitanas: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre foram as regiões que registraram uma queda no nível de desemprego. Belo Horizonte foi a única região metropolitana que apresentou aumento no nível de desemprego passando de 5,76% de desempregados em setembro para 6,20% em outubro.

Essa queda no nível do desemprego — segundo o IBGE — vinha ocorrendo desde o mês de julho. O número de desempregados entre aqueles que procuram trabalho pela primeira vez também foi menor em relação ao mês de setembro.

## Suspensas licenças a 7 dos posseiros

Os sete dos treze posseiros do Araguaia presos a 16 meses e condenados a oito anos de prisão com base na Lei de Segurança Nacional que tiveram licença de dez dias para passar o Natal com suas famílias, ao retornarem ao quartel da Aeronáutica em Belém, no Pará, no dia 28 de dezembro, foram informados de que suas licenças haviam sido suspensas, apesar de cumpradas integralmente e que seus companheiros não poderiam passar o Ano Novo junto com suas respectivas famílias.

Os posseiros, indignados, acusaram o Juiz Juracy Reis Costa de não cumprir a palavra uma vez que haviam acertado que um primeiro grupo de sete posseiros teria licença de dez dias para passar o Natal com a família, devendo retornar no dia 28, quando o grupo restante (seis posseiros) teria licença igual para passar o ano novo junto com seus familiares.

Será pedida ao Supremo Tribunal Militar uma licença em favor dos outros seis posseiros para que

usufruam de licença igual à concedida aos companheiros com base no princípio da equidade.

### Revolta na PM

Pela segunda vez em uma semana mais de mil soldados, cabos e sargentos do 14.º Batalhão de Polícia Militar de Bangu, no Rio de Janeiro, paralisaram suas atividades no dia 27 de dezembro em protesto contra os abusos cometidos pelos oficiais daquele Batalhão.

Os policiais denunciaram que os oficiais do 14.º Batalhão os obrigam a perseguir elementos ligados ao jogo do bicho que não contribuem, além da propina normal que é paga, com Cr\$ 100 mil de caixinha para cada oficial daquela unidade.

Os soldados denunciaram, ainda, que são obrigados a trabalhar fora do horário de serviço, não recebendo nenhum pagamento complementar e que diversos tenentes do 14.º BPM aplicam punições injustas e os submetem a humilhações.

## Banqueiro desiste da investida contra o povo

RIO — O banqueiro Theóphilo de Azeredo Santos, presidente da Federação Nacional dos Bancos, foi obrigado a congelar as articulações que desenvolvia com vários empresários ligados ao comércio e à indústria para garantir os privilégios dos grupos multinacionais após as eleições de 15 de novembro.

A operação seria desencadeada pelo Conselho Interamericano de Comércio e Produção — Cicyp, também presidido por Theóphilo, mas a forte pressão de oficiais militares ligados à Escola Superior de Guerra praticamente abortou a estratégia das multinacionais. Os militares temiam que a ação desses empresários resultasse na formação de um organismo semelhante ao Ipes e Ibadé, responsáveis pela conspiração e deflagração do golpe militar que derrubou o presidente João Goulart em 1964.

A ação do Cicyp seria desencadeada através de uma "doutрина empresarial", mobilizando toda a cúpula do patronato, a fim de influenciar um grande número de

candidatos do PDS ligados à corrente de centro-direita. O programa previa ainda um encontro entre os principais líderes empresariais do Rio e São Paulo na sede da Fiesp, com a participação de uma equipe multidisciplinar da Universidade Mackenzie onde seriam discutidos os principais postulados levantados em um ciclo de extensão promovido pela Escola Superior de Guerra, enfocando a empresa "privada e a democracia". Entretanto apesar de tudo isso a estratégia foi suspensa.

### Descuido

Por descuido do diretor da revista "Manchete", Adolpho Bloch, um dos principais documentos do Cicyp foi publicado, na íntegra, pelo "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro — numa reportagem que relacionava a ação desses empresários comandados por Theóphilo de Azeredo Santos, com os organismos que incentivaram o golpe militar de 1964.



# “Daqui para a frente, organizar o Partido”

Conclusão da mesa-redonda promovida pelo Jornal dos Trabalhadores sobre as eleições de 82

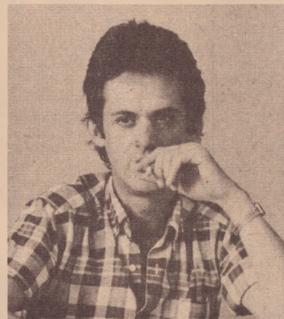
Concluímos nesta edição a publicação do resumo da mesa-redonda sobre avaliação da campanha eleitoral e perspectivas futuras, realizada pelo *Jornal dos Trabalhadores* após as eleições de 15 de novembro. Participaram da mesa-redonda os petistas José Dirceu, membro do Comitê Eleitoral Unificado regional de São

Paulo; Reginaldo Prandi, sociólogo e pesquisador; Roberto Braga, especialista em publicidade; e Eduardo Jorge, médico sanitário eleito deputado estadual do PT pela Zona Leste de São Paulo.

A primeira parte do debate foi publicada na edição nº 18 do *Jornal dos Trabalhadores*, de 22 de dezembro.



José Dirceu



Reginaldo Prandi



Roberto Braga



Eduardo Jorge

Prudente, num gasto de energia tremendo, para divulgar uma plataforma que os companheiros de lá poderiam divulgar. Os companheiros atravessaram o Estado disputando não novos espaços, mas os que o PT já havia criado. Os candidatos disputavam os mesmos focos de eleitores, enquanto outras regiões enormes ficavam descobertas.

O tipo de campanha feita fortaleceu a visão do PT como frente política e não como Partido. Isso temos de criticar, e não ver como positivo. Diz-se que, diante das circunstâncias, não era possível fazer uma campanha diferente. Acho que não é verdade. Se a direção tivesse pensado responsávelmente esse ponto teria feito uma proposta mais avançada. Esse tipo de campanha reforçou o aspecto frentista dentro do PT.

**Roberto Braga** - A questão da unificação está intimamente ligada ao processo de escolha dos candidatos. A gente sabe que existe a ideia do voto distrital percorrendo as mentes do Governo. Se entrar o voto distrital, nós vamos ter que pensar duas vezes. Na hora que tiraram o voto de legenda, acho que o mais prejudicado foi o PT. Os candidatos foram eleitos, às vezes, mais em relação ao respaldo que o Partido deu. Em certos locais, a proposta puxou votos, onde o PT estava mais organizado. Em outros locais quem puxou votos foi o candidato e a proposta ficou em segundo plano. A escolha dos próximos candidatos deve ser resultado de um trabalho em nível estadual. Não estou aqui pregando que o PT deva ser uma coisa única, eu acho que a gente tem que preservar as diferenças de propostas que existem dentro do PT para ele poder criar.

**Reginaldo Prandi** - Quando a gente pensa no Comitê Unificado a gente acaba sendo levado a acreditar que foi feito um milagre. O que se tinha de condições de trabalho na sede? Quatro telefones, três ou quatro máquinas de escrever, meia dúzia ou pouco mais de funcionários, uma gráfica improvisada, duas máquinas Xerox. Não havia nenhuma condição de trabalho capaz de fazer circular as informações mais elementares. Às vezes as comunicações eram feitas através de telegramas, que se acumulavam porque não se tinha tempo para se abrir uma pilha de telegramas. Isso realmente vem como consequência da fragilidade do PT em se organizar, tendo em vista as suas condições econômicas e suas mais. Os companheiros precisam saber que o PT trabalhava com um nível mínimo de organização. Se isso trouxe prejuízos, é preciso ver qual será a postura do PT daqui para a frente. Que tipo de organização o PT vai assumir? Há certos canais burocráticos que têm que funcionar. Já que o Partido tem que se comunicar interna e externamente, ele tem que se organizar, tem que estabelecer as prioridades e para isso ele tem, inclusive, que ter um corpo de funcionários.

**José Dirceu** - O tema é polêmico e complexo. As experiências feitas nos outros Estados — com o Comitê Eleitoral Unificado, campanha centralizada sem finanças e escritórios individuais — o resultado foi um tremendo fracasso; houve paralisação, burocratização e emperramento da campanha eleitoral. O exemplo mais claro é o Rio de Janeiro. O objetivo do PT é a campanha unificada, em termos de plataforma, recursos econômicos e encaminhamento prático. E unificada em termos da escolha dos candidatos. É preciso que já na escolha se criem condições — para que depois a campanha seja unificada, em termos materiais e políticos.

Nós decidimos que o filiado do PT podia optar por qualquer candidatura e que os Diretórios não podiam optar por candidaturas. Por que fizemos isso? Porque entendíamos que se os Diretórios comessem a discutir que candidatos iriam apoiar, iam entrar num processo “internista” ou de luta política que iria emperrar ou fracionar o PT. Para o PT superar isso ele precisa acumular, em termos de proposta política, de estrutura de organização e de unidade política, e definir o que é uma lista de candidatos e o que é uma campanha eleitoral. O PT precisa superar o grau de heterogeneidade de hoje, o que não significa superar o grau de diversidade, de tendências e de interpretações. Nossa proposta era a seguinte: os Comitês Eleitorais Unificados seriam criados porque os Diretórios, em sua maioria, estavam com estrutura pouco construída e estavam emperrados politicamente. Queríamos comitês unificados, de três a cinco pessoas que não estivessem na vida do Diretório. Não queríamos que a estrutura do Partido fosse jogada na campanha. Isso é que não foi levado a prática, porque não levamos a discussão até os Diretórios e os Núcleos.

Mesmo assim, o Estado onde houve a campanha mais unificada foi São Paulo e eu dou exemplos: foi o único Estado que produziu cédulas de candidatos sem recursos; que produziu outro tipo de material para setores de candidatos — como as mulheres, os negros, sindicalistas, que destinou recursos para alguns candidatos a Prefeituras, que procurou fazer a propaganda na televisão (a questão de ser mal feita é outra), de maneira unificada, sem controvérsia e sem grandes problemas, e que unificou a propaganda nas urnas e a apuração.

O Comitê Eleitoral Unificado Estadual teve insuficiências materiais, financeiras e políticas, na medida que dois terços dos membros do Diretório Regional eram candidatos e, de doze membros da Executiva, dez eram candidatos — o que retira da estrutura centralizada do PT os seus principais quadros e seus dirigentes. Sei que é grave a plataforma ser distribuída com atraso, mas isso resultou dos problemas havidos na convenção, para aprovar a plataforma e da direção do Partido, depois, de traduzir essa plataforma, não fechada, em termos de proposta. Nós tivemos um único problema na campanha, que foi com a tendência “Alicerce”, porque atrás desse grupo se escondia uma proposta que não era a da plataforma nacional do PT. Houve também outra exceção, de uma proposta “de um governo operário popular”.

Nesse sentido é que eu falo que a campanha foi unificada. Ela foi tão unificada que até nos erros foi unificada. A gente repetiu os mesmos erros em todo o Estado.

Temos de modificar o critério de escolha dos candidatos. E temos de superar definitivamente as formas de fazer convenções e de discutir linhas políticas e programáticas. Elas, na verdade, têm sido uma encenação, uma hipocrisia e uma farsa. Nós vamos para as convenções sem ter acumulado nos Núcleos e nos Diretórios uma discussão sobre a plataforma e fazemos um ritual democrático que não tem conteúdo democrático. O Partido tem que superar essa questão. Temos de descobrir uma forma pedagógica de discutir as plataformas e as propostas políticas do PT. Devemos fugir dos esquemas de controle de Diretórios, de controle de Núcleos, de plenárias aonde se mede a democracia pelo número de pessoas e não pela discussão, pela participação e pela real proposta que saía.

Em que pesem todas as deficiências e erros o trabalho feito pelo conjunto do Partido significa um avanço e um acúmulo de experiência e de recursos materiais e principalmente de recursos humanos. Aprendeu-se que, como atual estrutura e com a atual concepção do que é ser membro do Diretório e da Executiva, não se vai além.

O PT deve ter estrutura de organização, precisa de “máquina”, de gráfica, de estrutura de imprensa e propaganda, de Secretaria Geral, de sede de verdade, de meios de comunicação, de assessoria de imprensa, de Secretaria de Educação Política, de um corpo de funcionários, de assessoria política. Um dirigente do PT tem que se convencer definitivamente de que precisa exercer esse papel pelo menos quatro horas por dia.

Há também, outras coisas. Trinta por cento das finanças produzidas pelos comitês eleitorais unificados e pelos candidatos deveriam ser remetidas ao PT. Os comitês eleitorais unificados praticamente não fizeram finanças porque praticamente não existiram. Uma grande parcela dos candidatos contribuiu com 30% das festas e com rifas para o Partido. Mas não fomos capazes de montar um sistema de controle e de cobrança sobre isso; então ficou muito mais na consciência de cada candidato e de cada comitê eleitoral fazer essa contribuição.

O que não funcionou foram os bônus da campanha eleitoral e isso se mostrou um fracasso, talvez erro político. Muitos companheiros têm a opinião de que se trata de uma forma de contribuição típica de classe média e de que a forma de contribuição do PT deve ser em comícios, “passando o famoso chapéu”.

**Eduardo Jorge** - A questão não é só de racionalização. A questão é política, na hora em que o PT capitulou diante de uma visão frentista. Se o pessoal vai organizar a campanha em comitês individuais, inevitavelmente há uma diferenciação de como se vê a plataforma, que pontos são mais importantes, até chegar ao excesso de que você falou. Mas entre o excesso e o não excesso há uma gama muito grande que fortalece essa visão frentista do Partido. Isso a gente tem que reverter. Se a gente quer ser um Partido a gente tem que combater isso daí.

**José Dirceu** - Concorde com a sua avaliação, mas estou convencido de que o contrário teria sido um desastre. O medo nosso era que, como aconteceu em outros Estados, no objetivo de unificar a campanha, nós fortalecéssemos só uma determinada visão do PT. Essa a grande contradição que nos levou, particularmente a mim, em optar por uma coisa que eu acho que não foi aplicada, que era essa estratégia. A força do PT está na descentralização. A campanha nunca deve ser unificada no sentido de ser centralizada: ela deve ser unificada no sentido de racionalizar mas ela tem que ser descentralizada.

**Roberto Braga** - Complementando: participai da campanha no nível de Diretório Distrital. A grande dificuldade que sentimos é que quando se descentraliza, o Diretório tem dificuldade em manter uma linha política. Sentimos a dificuldade de ter um eixo central mais claro. E também tivemos medo de tornar o Diretório um curral eleitoral. O medo era cada um puxar para um lado e chega um belo dia e está todo mundo dos vários diretórios fazendo panfletagem na porta da mesma fábrica, e cheio de fábricas sem ninguém trabalhar. Esse tipo de dificuldade nós temos que solucionar.

## O que é prioritário?

Qual é, em síntese, a sua avaliação final, e daqui para a frente, qual a proposta do PT, quais as atividades prioritárias?

**Reginaldo Prandi** - Se a proposta básica do PT, ou seja, organizar a classe trabalhadora, avançou ou sofreu um retrocesso na campanha eleitoral, é preciso imaginar o sentido desse “organizar a classe trabalhadora”. Como organização partidária, é patente que o sucesso, o avanço, aconteceu de fato. Mas o significado mais geral da expressão precisa ser avaliado. Quais são as novas condições, a nova conjuntura política, especialmente no Estado de São Paulo? De que maneira vai ser possível manter esse pique de organização? Um milhão de votos ou pouco mais, ao mesmo tempo que corresponde a um quarto lugar, corresponde também a uma parcela muito grande, não só em quantidade, também em qualidade.

O PT, durante toda a campanha, foi um partido que se colocou em massa na ruas, nos comícios. O PT tem que encontrar os mecanismos políticos de que se recree ou que se alimente a ideia de que sai vencedor, na medida em que é capaz de garantir o mínimo de representação, liderando um espaço que antes praticamente não existia.

Nesses termos se coloca o que fazer, como prioridade. Isso vai decorrer da atuação do PT diante do novo Governo que teremos em São Paulo, a partir de 15 de março. A militância no PT não é meramente eleitoral e o Partido não poderá perder de vista a força das organizações espontâneas. É preciso que essas forças sejam o tempo todo rearticuladas em função de uma proposta do PT como organismo coletivo voltado para os interesses gerais.

**Roberto Braga** - Acho que foi um sucesso retumbante, porque tem que haver algo mais do que os cruzeiros para se conseguir os resultados obtidos. Esse algo mais que o Reginaldo colocou em termos de qualidade, que eu acho que realmente existe e que precisa ser aprofundado. O que é prioritário é a estrutura de participação no PT. A questão fundamental é a da filiação. Como o filiado se representa, como ele milita, onde faz seu trabalho?

Na eleição apareceu um dado positivo: havia um objetivo comum, que era fazer a propaganda política. Antes, a pessoa que queria trabalhar no PT não sabia o que fazer, com exceção da campanha de filiação para legalizar o Partido. Então a questão é descobrir a forma de fazer essa massa de simpatizantes e eleitores engajar-se em campanhas políticas concretas do PT, e não apenas em época de eleições. A questão da representação talvez esteja ligada à filiação. Junto com a possibilidade de participação está a comunicação. O filiado sente a necessidade de ter o retorno daquele que ele está fazendo no Partido, de se sentir seguro, e me parece que o problema da comunicação é fundamental.

**José Dirceu** - O PT não pode enfiar a cabeça debaixo das pernas depois de um processo de luta, seja eleitoral, seja de massas. Do ponto de vista da ocupação de um espaço político institucional, o PT em São Paulo, avançou. Mas entendo que o PT sofreu uma derrota ao nível nacional. Essa derrota pode ser relativizada se nós levarmos em consideração que já é uma vitória concorrer com candidatos a governador em todos os Estados, com exceção de Alagoas. Mas é óbvio que o PT deixou de ocupar espaços institucionais nos parlamentos de vários Estados e isso em termos eleitorais é uma vitória/derrota, e nós devemos chamá-la pelo nome que ela tem: é uma derrota.

O PT, no meu entender, tem algumas tarefas básicas neste momento. A principal é a organização dos Núcleos e o trabalho nos bairros, no movimento popular, no movimento sindical.

O Partido, agora, no movimento popular, no movimento de bairro, tem de ser capaz de acionar a nossa proposta de Governo, de levar na prática, de levantar as reivindicações e as bandeiras do movimento popular e da nossa plataforma e de levar o movimento popular a reivindicar e a lutar, primeiro, pela democratização do Governo de São Paulo; segundo, pelo atendimento de prioridades sociais, e, terceiro, que não se detenha a luta contra o regime militar, que é a única maneira de não ser cooptado e de não coonestar as farsas e conciliações que possam ser levadas à prática pelo Governo Montoro.

Para isso, o PT tem que resolver algumas questões internas cruciais. Primeiro: descongelar o poder político, abrir espaço para as novas forças políticas e sociais que emergiram na campanha eleitoral; o PT precisa democratizar a sua vida interna, de acordo com a sua proposta; criar uma estrutura de organização democrática mas profissional, e dotar o Partido de instrumentos materiais de que ele necessita. Dada a complexidade do quadro político, dada a votação que teve, dada a base social que tem, o PT não pode continuar com a mesma estrutura de organização e de direção.

**Eduardo Jorge** - Esse milhão e cento e cinquenta mil votos que a proposta do PT teve, considero um avanço. Não considero que tenha havido radicaliza-

ção, no sentido que está sendo discutido dentro e fora do PT, porque eu acho que a campanha tinha que ser radical mesmo, porque a realidade que a classe trabalhadora vive é de uma exploração e de uma opressão radicais. O que a gente devia ter feito é que esse radicalismo na forma se expressasse também em propostas concretas, e tivesse condições de ganhar a adesão e a esperança de setores mais amplos da classe trabalhadora.

Quanto à questão organizativa, de classe trabalhadora, não tenho ainda condições de fazer uma avaliação. Na região onde estou, por exemplo, no Diretório de Itaquera, considero que houve avanço. Começamos a campanha com cinco núcleos estruturados e o Diretório e hoje temos 8 Núcleos e possibilidade de fazer mais três. A campanha, na região, teve uma coisa muito importante: manteve-se de certa forma, na medida do possível, a participação nos movimentos populares da região, nos movimentos em que a gente já estava metido.

Nós não priorizamos atividades de agitação, de comícios, de grandes panfletagens. A gente priorizou reuniões nos bairros, onde a gente contactava pessoas numa vila, iam fazendo reuniões sistematicamente, até que um grupo de pessoas da vila se encarregasse da campanha do PT naquela região. Em determinado momento a gente sentiu que isso era muito importante, já tinha dado origem até a alguns pré-núcleos, mas a gente precisava generalizar mais. Fizemos reuniões nos bairros e nas feiras, sem fazer agitação massiva, violenta. A gente procurava discutir com o pessoal, ir de casa em casa conversando, distribuindo cédulas. Esse tipo de campanha culminando nas reuniões, nas atividades mais massivas, permitiu um mínimo de discussão com o trabalhador e permitiu, acho, um avanço de organização na região da gente. Avaliações desse tipo tem que ser feitas Diretório por Diretório, região por região, para a gente ver o saldo orgânico da campanha em termos de PT. Quanto à questão das novas tarefas, a democratização é importantíssima para revitalizar o Partido, tanto na direção quanto na base. Os Núcleos, que estão meio desarticulados, têm que ser revalorizados de verdade. Para isso o Núcleo tem que ter poder, poder de controlar o Diretório, poder de realmente influenciar nas decisões do Diretório. O pessoal dos Núcleos, numa representatividade a ser determinada, tem que ter condições de votar em igualdade de condições com os membros do Diretório.

O mesmo deve valer para o Diretório Regional. Deve haver mecanismos pelos quais os Núcleos e os Diretórios acompanham de forma dinâmica o Diretório Regional que vai ser eleito em 1983 e que vai valer por um ano.

O Núcleo de Base precisa ser visto sob um aspecto triplo. O primeiro é a questão de informação. O militante tem que ter uma formação política para poder enfrentar a complexidade política. Não pode ficar eternamente no nível que ele adquiriu no movimento de massa. Muito mais importante que as assessorias se preocuparem em ficar ajudando um parlamentar em projetos e sugestões, devem é dar cursos para o pessoal dos Núcleos, elevando o nível político do militante.

Outra questão é a gente articular a intervenção dos Núcleos nos movimentos sindical e popular. Tem que haver uma orientação conjunta do que eles vão fazer.

Um terceiro ponto é a questão do controle do Partido. O Núcleo tem que controlar o Diretório Distrital é tem que ter mecanismos de controlar a Direção Estadual.

Outra questão importante é de como a gente vai se posicionar frente aos dois tipos de encaminhamentos da burguesia em relação ao nosso Partido. A gente estava acostumado, até agora, a enfrentar o PDS, cuja atitude básica é da repressão, do controle. Agora nós vamos enfrentar um outro modo de governar, da classe burguesa, que vai tentar uma forma diferente. O PMDB é uma frente, não é um partido político é lá dentro há vários grupos. Há grupos que podem achar interessante puxar o PT para dentro do Governo, como uma forma de neutralizar inclusive outros grupos dentro do próprio PMDB. E a gente tem que ter muito cuidado, para não ser usado nas lutas dos vários grupos dentro do PMDB. Devemos manter nosso partido de forma independente. A nossa força, atualmente, é ainda pequena, e a gente deve usar toda ela no fortalecimento do movimento sindical, no fortalecimento do movimento popular autônomo e no fortalecimento do Partido, baseado nos Núcleos, implantado em todo o Estado. Não é participando de uma Secretaria da Educação, de uma Secretaria da Justiça, que a gente vai ter força para colocar essa participação no Governo a serviço dos movimentos populares e das bases. Em relação ao PMDB, devemos analisar as suas propostas uma a uma, ver quais delas são viáveis de serem apoiadas pela gente, e quais devem merecer de nós uma oposição radical.

## E o papel da Imprensa?

Qual o papel dos órgãos de comunicação de massa (Tv, Jornais)? Qual deve ser a política do PT em relação a esses órgãos?

**José Dirceu** - O rádio e a televisão, os jornais têm candidatos, têm preferências e fazem campanha eleitoral também. Nem os jornais nem os jornalistas são entes abstratos acima da luta político-eleitoral. E não podemos limitar a transmissão de nossas propostas apenas por esses órgãos sobre os quais não temos nenhuma influência. O PT deve desenvolver sua imprensa partidária e deve evitar depender de debates na televisão e de acesso ao rádio e aos jornais na sua próxima campanha. O PT deve desenvolver no bairro, na fábrica, em cada Diretório, jornais, boletins que deem respostas às questões que a grande imprensa levanta contra nós.

Depois do primeiro debate dos candidatos paulistas na TV, houve uma estratégia, montada pelo PMDB e por setores da grande imprensa, mais especificamente da “Folha de São Paulo”, para atingir uma determinada faixa do eleitorado, que foi sendo paulatinamente colocada contra nós. O voto “competente” e o voto “útil” foram sendo reforçados. Nossa crítica ao PMDB, que considero correta, foi ganhando a seguinte imagem: “O PT só ataca o PMDB”. Quem vendeu essa imagem foi a grande imprensa. Foram largamente utilizados, em São Paulo, os meios de comunicação para criar uma imagem negativa do PT. Toda a mobilização de massa feita em São Paulo pelo PT a imprensa escondeu da opinião pública. Os exemplos mais escandalosos foram o comício de 21 de abril no Largo 13 e o comício do Paqueta. Este foi um comício para cinco minutos no “Jornal Nacional” ou no “Fantástico”, da TV Globo, pela beleza, pelo colorido, pela força política, pela participação, pelo comportamento de cem mil pessoas. Ao contrário do que dizem o “Jornal da Tarde” e o “Estado de S. Paulo” não havia nenhuma comissão de segurança nos termos em que eles afirmaram. Seria uma irresponsabilidade total colocar cem mil pessoas numa praça sem organizá-la, não dar a ela determinada estrutura de serviços de saúde, água, higiene, de orientação e de localização de entrada e saída. O escândalo final foi o da TV Globo, no Rio, com os resultados eleitorais. O PT perdeu também, ao não enfrentar a questão da manipulação, principalmente a que a “Folha de S. Paulo” fez. Temos de aprender a colorir e identificar os meios de comunicação e não entendê-los como entes acima das classes sociais. E há uma tarefa para todos os filiados do PT; vender mais assinaturas do *Jornal dos Trabalhadores*, participar e contribuir mais com o jornal e fazê-lo avançar.

**Eduardo Jorge** - Concorde basicamente com o que o José Dirceu falou. Quero acrescentar alguns fatos: houve uma caravana de Montoro a Osasco que foi um fracasso vergonhoso. Na primeira página da “Folha” estava o fracasso do Montoro e, ao lado, a foto de uma manifestação do PT no centro da cidade, dizendo que o Lula também fracassara. Mas nessa manifestação do PT apareceu bastante gente, ao contrário do que foi noticiado.

Diante da fábrica Villares, Montoro tentou fazer propaganda mas os operários se recusaram a ouvir e chegaram a vaiar o candidato; Montoro teve de sair dizendo “Viva o Lula” para fazer o

pessoal se acalmar, deixar ele se afastar em paz. Isso não foi noticiado, e nem fato igual, aconteceu com candidatos do PMDB na porta da Ford e da Mercedes Benz, em Santo André.

Houve uma campanha para isolar o crescimento do PT na classe média, e nisso a “Folha de S. Paulo” foi sistemática. A todo momento o jornal pinçava frases do Lula e de outros petistas tentando mostrar o PT como um partido que só atacava o PMDB, e que não tinha condições de exercer o poder por ser irresponsável e imaturo.

Outra coisa importante que a gente viu na “Folha de S. Paulo”: a partir de certo momento eles começaram a promover também o Jânio Quadros; era uma cunha em relação ao PDS e também em relação ao PT.

O comportamento classista da imprensa continua. Na cobertura das apurações, a “Folha de S. Paulo”, sistematicamente publicava que o PT ia ter apenas 5 deputados federais, 7 estaduais e 4 vereadores, até às vésperas da última proclamação do TRE. Além disso, o jornal abriu uma polémica de que o PT deveria fazer imediatamente uma revisão de sua posição frente ao futuro Governo do PMDB, e deveria inclusive, fazer negociações e coalizões. Ao mesmo tempo em que eles minimizavam os resultados do PT, tentavam abrir um flanco dentro do próprio PT.

**Reginaldo Prandi** - O boicote sistemático contra o PT na grande imprensa continua. No caso da “Folha de S. Paulo”, o que mais selé o “Painel” e a coluna “Cotidiano”. E não só durante a campanha mas também agora, todos os dias a gente se pergunta, antes de ler, qual é o ataque de hoje contra o PT?

Deve-se fazer com que o *Jornal dos Trabalhadores* tenha ampliada a sua circulação, e talvez em futuro próximo, diminuir a periodicidade, tornando-o mais presente, mais diretamente tratando de problemas do dia a dia.

Além disso, o PT tem que encontrar uma fórmula de penetração nos outros jornais. Vamos encontrar essas maneiras na medida em que o próprio PT mostre que é um partido que veio para ficar, para crescer e tomar um lugar que realmente não foi nunca ocupado nessa sociedade, quando se trata da classe trabalhadora.

**Roberto Braga** - Essa é uma questão muito delicada, porque a defesa da imprensa se baseia na neutralidade, que não existe. A gente não pode cair no lugar do Governo, agora, de ser a vítima que quer censurar a imprensa. Temos que desenvolver algum meio de conseguir espaço nessa imprensa. O problema não está mais nas calúnias contra o PT, mas na dificuldade de a gente conseguir rebater essa calúnia. Escutei programas de rádio onde, no caso da Panamericana ou Record, não me lembro, o Fittipaldi malhava, falava mal ostensivamente, do Lula, “aquele incompetente”, nessa linha. O exemplo da TVS é da gente ficar vermelho de vergonha, ou a própria Globo e o que aconteceu na apuração do Rio de Janeiro.

No caso do *Jornal dos Trabalhadores*, me parece que o problema maior está nos canais de distribuição, nos canais de venda. Agora, eu sou ainda com uma TV do PT, não só o jornal. Eu acho que o PT devia tentar conseguir programas de rádio e programas de televisão, nem que tenha que alugar períodos. Sei que um problema é a questão do financiamento, pois esses programas são caríssimos. Mas acredito que existe a possibilidade.

fundavam a plataforma do jeito que bem entendiam. Houve reuniões de núcleos em que o pessoal queria discutir a plataforma e a gente não tinha a plataforma nem para distribuir.

Se a campanha tivesse sido montada mais em função da estrutura partidária que já existe, de Diretório e Núcleo teríamos tido muito mais condições de atuar e os órgãos partidários não teriam sido desagravados, como aconteceu com a maioria.

Na medida em que grupo de apoio atravessava o Estado de ponta a ponta, à revelia do diretório, do núcleo, de tudo, o que adiantava um companheiro respeitar uma assembleia ampla do diretório? Esse tipo de espírito não foi prestigiado pela campanha dos comitês individuais.

Se nós somos um partido, com uma plataforma aprovada, devíamos estabelecer métodos democráticos de escolha de candidatos, fazer uma certa regionalização, não só demográfica mas de movimentos sociais e sindicais, e atuar unificadamente.

Não somos uma frente e não interessa, por exemplo, um candidato aqui de São Paulo se deslocar até Presidente

## Individual ou unificada?

Na campanha do PT, como foi o funcionamento entre as candidaturas individuais e os Comitês Unificados? Para as próximas campanhas, que tipo de atividade eleitoral deve prevalecer: individual ou unificada?

**Eduardo Jorge** - Essa campanha não se deveu à responsabilidade de A, de B ou de C, mas do estágio de organização em que o PT estava no momento. O Diretório Regional se reuniu três ou quatro vezes para discutir a questão, que tinha sido atribuída a ele, e não conseguiu resolver. Nós, dos Diretórios e dos Núcleos ficamos completamente desorientados. Ninguém sabia como ia ser a campanha. A direção do PT não se posicionou com clareza. Quem deu o tom da campanha foram os grupos de apoio e os comitês individuais. Os comitês eleitorais em nível distrital praticamente não existiram. O Comitê Eleitoral Unificado Estadual no máximo sustentava a campanha dos majoritários. Não se conseguiu unificar a campanha nem no nível político. A plataforma eleitoral não foi levada muito em conta, chegou às mãos da gente nas vésperas da eleição, e os grupos de apoio e os comitês individuais apro-



Erundina é assistente social, e trabalhou com movimentos populares da periferia. (Foto: Ruy P. Teixeira)

## “O papel principal é o de desmistificar o Parlamento”

A vereadora petista Luiza Erundina fala de seus planos

Luiza Erundina, funcionária pública, assistente social na Secretaria da Família e Bem-estar Social da Prefeitura de São Paulo, foi eleita em 15 de novembro, vereadora pelo Partido dos Trabalhadores. Para Erundina, a campanha eleitoral foi mais uma experiência com os movimentos populares, juntamente com um trabalho político, uma vez que, como ela diz, “não se pode desenvolver nenhum trabalho social separado da questão política”.

A vereadora petista entende que o principal papel dos parlamentares do Partido dos Trabalhadores é desmistificar a função do parlamento. Erundina define o parlamento como um militante do partido que deve transformar a sua atuação em uma abertura aos movimentos populares.

Para isso, diz Erundina: “Devemos resgatar o saldo organizativo da campanha, fortalecer os grupos de base na sua proposta original, fortalecer a estrutura interna do PT, interferir no Governo Montoro procurando garantir a democratização das informações, garantir aos movimentos populares a participação no poder de decisão, fazer com que interfiram na elaboração das alternativas políticas e

viabilizar a existência dos Conselhos Populares”.

O nosso papel como parlamentar — afirma a vereadora do Partido dos Trabalhadores, é traduzir em proposta as alternativas criadas pelos movimentos populares.

### Debates

A campanha eleitoral da vereadora Luiza Erundina desenvolveu-se a partir de um grupo de trabalho do qual ela fazia parte, interferindo nos vários movimentos sociais.

Sua campanha foi organizada na atuação desse grupo, que levou a plataforma municipal e o programa do Partido dos Trabalhadores para serem discutidos com a população, sempre apoiado — nas questões concretas vividas pelos moradores.

Assim, explica a vereadora, nas favelas a discussão do programa do PT tratava das questões da terra e dos problemas de moradia. Também era discutida a relação do Partido dos Trabalhadores com os vários movimentos populares.

Luiza Erundina acredita que o trabalho eleitoral teve um saldo muito positivo porque permitiu um aprofundamento das questões concretas da

plataforma e muita coisa surgiu nos debates.

### As bases

“Minhas bases — diz Erundina — são a população que integra os movimentos populares, o funcionalismo público, através do trabalho que desenvolvo na minha categoria, com a atividade sindical, e todos os movimentos sociais de que temos participado”.

Para a vereadora petista um dos fatores que contribuiu para a sua eleição foi estar ligada ao PT, que sempre esteve junto a todas as lutas sociais e que permitiu desenvolver um trabalho que representa o seu projeto de sociedade através da atuação nos vários núcleos, não apenas partidários, mas de todos os movimentos.

Luiza Erundina acha boa a lista dos candidatos eleitos pelo Partido dos Trabalhadores, destacando que esses eleitos são aqueles que desenvolvem trabalhos nos movimentos sociais. Revelam o compromisso das bases com a construção do PT.

Luiza Erundina conclui que os candidatos eleitos são os aprovados por sua participação nos movimentos populares.

## “O povo deve ser sempre consultado”

José Cicote, mecânico, é deputado estadual do PT

José Cicote, 44 anos, mecânico de manutenção desempregado, cassado em 1980 da Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra, no Estado de São Paulo, preso e enquadrado na Lei de Segurança Nacional juntamente com os onze sindicalistas do ABC, foi o deputado estadual do PT mais votado, com 81.118 votos em todo o Estado e o candidato que recebeu a maior votação de Santo André (59.988 votos) em toda a história do Município.

Cicote foi um dos fundadores do PT e pretende desenvolver sua atividade parlamentar baseado na experiência que acumulou junto ao movimento sindical, através de amplas consultas à população, procurando saber qual é o interesse dos trabalhadores. Para o deputado petista a sua função é se tornar um instrumento dos trabalhadores já que o mandato não é propriedade sua e sim daqueles que o elegeram.

### Participação

Para Cicote a postura do parlamentar eleito pelo PT diante do Governo do PMDB não deve ser de oposição pura e simples:

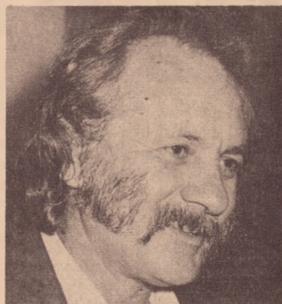
“O que for do interesse da população nós vamos apoiar, seja qual for o partido do parlamentar que apresentou o projeto. O que não for do interesse da população nós vamos denunciar. Vamos levar o povo para a Assembleia para que veja quais são os parlamentares que são contrários aos interesses da população. Pretendemos que o povo participe e interfira na política. Toda a minha atuação parlamentar vai estar de acordo com o programa do Partido dos Trabalhadores.”

José Cicote pretende analisar as propostas em seu aspecto político e não no aspecto técnico porque entende que sua função é política e que a proposta do PT é também política.

“No entanto — continua o deputado petista — não queremos mudar apenas a questão política mas também a questão econômica.”

### Mutirão

A exemplo de outros candidatos do PT a campanha de Cicote desenvolveu-se baseada em reuniões nas casas, nas portas de fábricas, nas feiras livres e



Cicote (Foto: Samuel Javelberg).

através de mutirões. Um grupo de pessoas saía de porta em porta levando o programa do PT e discutindo suas propostas nas reuniões que faziam. Esses mutirões eram realizados aos sábados e domingos e terminavam com um comício que contava com a presença de grupos de teatro, duplas sertanejas e os candidatos do Município.

As dificuldades foram muitas, mas para superar a falta de dinheiro para imprimir folhetos com os nomes dos candidatos, Cicote conta que durante os comícios procuravam gravar na memória dos presentes o número dos candidatos, com o público repetindo em voz alta o número dos candidatos do PT.

### Avaliação

Quanto aos próximos passos a serem dados pelo PT, Cicote entende que a primeira medida está sendo posta em prática, que é a realização de uma ampla discussão com a base do partido para avaliar o crescimento do PT e definir a postura dos candidatos eleitos. O deputado estadual petista acredita que a proposta para o futuro do PT deve ser dessa ampla discussão com as bases e entende que o PT deve continuar participando de todos os movimentos populares.

O fortalecimento dos núcleos e diretórios é outra preocupação de Cicote. Entende ele que o PT de São Paulo deve fazer sua luta em nível nacional, procurando incentivar o crescimento do partido em todos os Estados brasileiros.

## Inaugurada a sede do Instituto do PT

A Fundação Wilson Souza Pinheiro já tem programação

Com a presença de Paulo Freire, foi inaugurada no dia 20 de dezembro a sede da Fundação Wilson Pinheiro, do PT. A solenidade contou também com a presença de Lula, Jacó Bittar e outros membros do Diretório Nacional do PT, além de petistas de vários Estados.

A Fundação surgiu em julho do ano passado, quando o Diretório Nacional do PT criou o Instituto de Estudos do Partido dos Trabalhadores, com o nome oficial de Instituto Wilson Pinheiro. O nome do Instituto e da fundação é uma homenagem a Wilson Souza Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasília (Acre), assassinado na sede do Sindicato no dia 21 de julho de 1980, a mando dos latifundiários locais.

### Atividades

O Instituto, previsto na Lei Orgânica dos Partidos Políticos e no Estatuto do PT, não é uma instância de deliberação, e foi criado para realizar atividades teóricas e práticas que ultrapassem as atribuições dos Núcleos de Base e dos Diretórios.

Como atividades de caráter teórico, estão o aprofundamento do programa do PT, ou o estudo de alternativas que viabilizem o debate nas convenções partidárias, por exemplo. Não caberá ao Instituto estabelecer a posição do Partido, mas debater todas as propostas, mesmo contraditórias, procurando engajar o conjunto dos filiados do PT nesse debate.

Entre as atividades práticas podem ser citadas o acompanhamento e a atuação em movimentos sociais específicos, a proposição de plataformas de ação político-cultural, o debate interpartidário e a formação política para os filiados.

O Instituto Wilson Pinheiro promoverá discussões, seminários ou cursos sobre vários temas, com história da atividade sindical, a mulher trabalhadora, acidentes de trabalho, direitos do operário, etc. Poderá, ainda, abrigar grupos de estudos variados ou até de interesse específico (artístico, esportivo, etc), divulgando para o conjunto do Partido os resultados dessas atividades.

### Organização

O Instituto deverá organizar-se para atender a várias necessidades básicas. No campo da formação política, o Instituto vai procurar estimular o debate de grandes temas como, por exemplo, a realidade econômica e social, o socialismo, a questão do Estado, etc.

O Instituto procurará manter uma relativa autonomia em relação à estrutura do PT para desenvolver sua função crítica, e não se limitará ao debate e à pesquisa, mas incluirá a formação política, com cursos, ciclos de palestras e debates, conferências, participação em simpósios, congressos, etc. Nessa linha, também publicará boletins, periódicos e apostilas didáticas.

O Instituto também deverá prestar serviços técnicos (jurídicos, administrativos, de planejamento, trabalhistas, etc.) não apenas a parlamentares e dirigentes, mas aos militantes do PT.

Como apoio para essas funções, o Instituto deverá desenvolver um setor de documentação sobre movimentos populares, associações e sindicatos, situação do PT em cada Estado, etc.

## Nossa Vez

### Eleitos

O Partido dos Trabalhadores obteve nas eleições de 15 de novembro, em todo o País, 1.600.000 votos, equivalentes a 3,5% do eleitorado. Somente em São Paulo, o PT obteve 1.144.648 votos, ou 9,9%.

O PT não elegeu nenhum governador e nenhum senador. Elegeu oito deputados federais, treze estaduais, dois prefeitos e 126 vereadores. Os dois prefeitos são Manuel da Silva Costa, em Santa Quitéria, no Estado do Maranhão, e Gilson Menezes, em Diadema, no Estado de São Paulo.

São os seguintes os Estados em que foram eleitos membros do PT:

**Acre:** 1 deputado estadual (Ivan de Castro Melo) e 1 vereador, em Xapuri (Osmar Fakundo de Oliveira).

**Amazonas:** 4 vereadores nas cidades de Itacoatira (1), Uruçurituba (2) e Boca do Acre (1).

**Bahia:** 6 vereadores, nas cidades de Paulo Afonso (Evarado Paiva), Campo Alegre de Lourdes (2) e Catu (3).

**Maranhão:** Prefeito e 6 vereadores em Alcântara, Duque Bacelar e João Lisboa (1 em cada uma).

**Minas Gerais:** 1 deputado federal (Luís Soares Dulci), 1 deputado estadual (João Batista dos Mares Guia), 2 vereadores na capital (Helena Greco, e René Trindade, 13 vereadores nas seguintes cidades: Monlevade, Teófilo Otoni, Barão de Cocais, Santos Dumont, Cataguases, Paraisópolis, Botelhos, Ioté, Pavão, Pe. Paraíso, Ouro Verde de Minas, Janruca e Comercinho.

**Pará:** 5 vereadores nas cidades de Gurupá, Aveiro e Anximirã.

**Piauí:** 3 vereadores em Esperantina.

**Rio Grande do Sul:** 1 vereador em Porto Alegre (Antônio Hohlfeldt).

**Rio de Janeiro:** 1 deputado federal (José Eudes, atualmente deputado estadual), 2 deputados estaduais (List Vieira e Lucia Arruda), 1 vereador na capital, Benedita Souza da Silva, 1 vereador em Volta Redonda (Edson Santana).

**Rondônia:** 1 vereador em Cacoal (José Moreira) e 1 vereador em Ouro Preto do Oeste (Reva Haval).

Em São Paulo, os eleitos foram os seguintes além do prefeito de Diadema:

**Câmara Federal:** Djalma Bom, Eduardo Suplicy, Beth Mendes, Irma Passoni, Airton Soares, José Genofino Neto.

**Assembleia Legislativa:** José Cicote, Expedito Batista, Eduardo Martins, Anízio de Oliveira, Marcos Aurélio Ribeiro, Sérgio dos Santos, Paulo Frateschi, Paulo Tasso Diniz, Geraldo Siqueira.

**Câmaras Municipais:** São Paulo — João Carlos Alves, Teresa Cristina Lajolo, Luiza Erundina, Iredé Cardoso, Cláudio Gomes, / Americana: Joaquim Aparecido de Oliveira, Antonio Bandini / Araras: José Odair Dahmen / Araraquã: Domingos Carnesca Neto / Botucatu: Mara Caçapava: José Ramos / Campinas: Alcides Mamizuka, Clóvis Garcia / Carapicuíba: Antonio Carlos Cordeiro, Luiz Gonzaga de Oliveira / Cotia: Sonia Regina Gayotto Pedrosa / Cubatão: Dogival Vieira dos Santos / Diadema: Dorival Joaquim Lopes, Washington Luis Mendes, Arquimedes Andrade, Gentil Santos de Paula, Manuel Boni, Ivo Ribeiro dos Santos / Embu: Geraldo Cruz / Ferraz de Vasconcelos: José Aparecido Fonseca / Franca: Aníbal Vilalva Moreira / Guarujá: Ivo Nogueira da Costa / Guarulhos: Eloi Pietá, Antonio Gonzales / Jundiaí: Vicente Paulo Costa / Jacareí: Erázé Martinho / Limeira: Paulo Roberto Andrade Chaves / Mauá: Vladimir Borogán, Lea Aparecida de Oliveira, Celsina Pereira Fernandes, Juraci Fernandes da Cruz / Mineiros do Tietê: Rosalena Rossi / Osasco: João Paulo Cunha, Rosa Lopes Martins / Piracicaba: Isaac Jorge Roston / Ribeirão Pires: Raimundo Batista Viana / Santa Bárbara D'Oeste: Luis Egídio de Godoy / Santos: Telma Sandra Augusto de Souza, Nobel Soares de Oliveira / Santo André: Antonio Carlos Lopes Granado, Geraldo Granelan, Fernando Galvanese, Maria Luísa Sardiña Nóbrega, José Nanci, Irineu Bagnarioli Jr. / São Bernardo do Campo: José Ferreira, Ramos de Oliveira, Nelson Campanholle, Laurentino Hilário, Alberto Souza, Manoel Anízio Gomes, Wagner Lino Alves / São Caetano do Sul: Joaquim de Moraes, João de Moraes, Sílvio Pellico, Devanir Morari / São João da Barra: José Ivo Vannuchi / São Vicente: Renato Caruzzo, osê Hildemar Brito Coelho / Sorocaba: Iara Bernardi, Osvaldo Nosi / Sumaré: Cicero Teixeira de Freitas, Luis Fernando de Toledo, Ari Osvaldo Calegari / Taboão da Serra: Paulo Feliz, Maria Alice Ghion / Taiuva: Manuel Brás de Melo, Ademir Aparecido Scapim / Taubaté: Cláudio Simões de Araújo / Votorantim: José Carlos de Campos / São José dos Campos: Brás Cândido dos Santos, Ernesto Gradelha Neto / Salto: João Perez.

## A solidariedade dos funcionários

Luiza Erundina de Souza, eleita vereadora pelo PT, é também funcionária da Prefeitura, há 12 anos. Ela exerce funções de assistente social na Secretaria da Família e Bem Estar Social (Fabes), criada em junho de 82 em substituição à antiga Coordenadoria do Bem Estar Social (Cobes). Nessa ocasião, assumiu a Secretaria o coronel José Ávila Rocha, ligado aos esquemas de repressão política dos tempos da “Operação Bandeirantes” (Oban).

Desde que o coronel assumiu, mudou completamente para pior a

linha de atendimento popular que os funcionários vinham tentando imprimir à antiga Cobes: com o coronel o que se viu foram programas habitacionais parados, creches sem requisitos mínimos, etc.

Os funcionários e os moradores da periferia da Capital começaram a reclamar, e isso irritou o coronel, que assumiu uma atitude repressiva contra o povo e contra os servidores municipais de sua Secretaria. O coronel aplicou processos administrativos

contra Luiza Erundina e contra mais trez dezenas de funcionários.

No dia 13 de janeiro, numa igreja de Vila Clementino, houve assembleia dos funcionários da Sabes, em solidariedade a Luiza Erundina e aos demais funcionários punidos. Além dos servidores, estiveram presentes parlamentares e dirigentes do PT, e de outros partidos, representantes de movimentos populares da periferia e sindicalistas, que aprovaram uma nota de repúdio à ação arbitrária do coronel.

## TRIBUNA LIVRE

### “Bancada feminina do PT”

CLÁUDIO MONTEIRO

Foi candidato a vereador na Capital do Estado de São Paulo

Muito se tem apregoado da “derrota do PT” nas urnas! Ora, além de diversas nuances que podem caracterizar nossa participação como vitoriosa nas eleições — entre elas as principais, que são o acúmulo de forças do movimento popular e o avanço da organização da classe trabalhadora — destaca a eleição de uma “bancada feminina” para a Câmara de Vereadores em São Paulo!

Tres dos cinco vereadores eleitos pelo PT são mulheres! E mais do que isso, o PT é o único partido, na Câmara Municipal, a ter mulheres em sua bancada.

Pouquíssimas foram as mulheres eleitas vereadoras pelo Município de São Paulo: em toda a sua história, somente foram eleitas cinco mulheres, o que não corresponde nem ao dobro das eleitas pelo PT em 82, no seu primeiro teste eleitoral.

As mulheres que o povo elegeu anteriormente, ou faziam parte do “sistema” ou a ele se venderam! Caso das últimas duas vereadoras, eleitas pelo então MDB: Theodosina Ribeiro e Nodeci Nogueira. A primeira, eleita em 68 no efêmero do movimento estudantil e das lutas populares, época de forte repressão, autoritarismo e arbítrio. A segunda, eleita com ampla votação em 76, quando já São Paulo espelhava sua tendência oposicionista, logo após a grande votação dada ao MDB em 74 e pouco antes da derrota imposta ao governo, e à Arena, em 78 pelas forças oposicionistas.

Ambas usaram a vereança como trampolim para se elegerem deputadas (sem risco de perda de mandato de vereadora) pela oposição em 78. Logo depois passaram para o partido do governo “aderindo ao malfadado”. E felizmente, “graças à Deus”, tem o mesmo destino e castigo em 82. Não são reeleitas e tem votação ridícula comparada com o que já tiveram.

As mulheres vereadoras petistas serão combativas e saberão transformar a situação do legislativo municipal, onde dominou sempre a prática e a visão machista e excludente.

É um momento de reflexão e debate, que o conjunto da sociedade deve ter. Fica a advertência aos incredulos e aos que querem negar ou dificultar à mulher a sua emancipação política, persistindo em posições machistas e descabidas. A luta dos movimentos de mulheres acaba de dar importante passo para atingirmos uma sociedade em que homens e mulheres sejam vistos e respeitados de forma igualitária.

É isso que aconteceu justamente através do PT, a única “coisa nova” em termos de partido político que ocorreu nas últimas décadas no Brasil. O Partido dos Trabalhadores desde seu início esteve aberto à luta das mulheres, e seus movimentos, e aqui se rende uma justa homenagem a essas mulheres que

ajudaram a construir e solidificar o PT! Seguramente posso afirmar que não estaríamos hoje no estágio de organização e amadurecimento que chegamos, não fosse sua constante e infatigável participação!

As vereadoras do PT vão arejar, oxigenar a Câmara de Vereadores, dando nova vida às discussões mingaçadas, despolitizadas e de uma indigência a toda prova, que caracterizaram as últimas legislaturas. O Legislativo Municipal, que deveria ser a caixa de ressonância das lutas populares, jamais tomou conhecimento do crescente desejo de participação da mulher, em igualdade de condições com os homens.

A correlação de forças na Câmara Municipal vai se modificar pois as mulheres eleitas pelo PT significam hoje dez por cento dos vereadores. E politicamente esse percentual vai pesar, e forçar os debates a tomarem novos rumos e os projetos serem apresentados sob novo prisma.

Diferentemente de outros partidos, dentro do PT não houve disputa interna para se eleger, nem a acirrada “briga de foices” e de poder econômico registrados ao longo da campanha.

Para nós, petistas, muito mais importante do que eleger uma “figurinha” ou outra, um nome ou outro, era importante eleger uma grande bancada. E isso todos nós tínhamos em mente. Elegemos cinco vereadores, (significando 15% da votação no Município) apesar de sermos um partido novo, sem recursos e lutando contra todo tipo de adversidades, boatos, discriminações e obstáculos, impostos por um regime autoritário que faz de tudo para impedir a ascensão organizacional das classes trabalhadoras.

Em contrapartida, o “tudo poderoso” PDS elge apenas seis vereadores, (representando insignificantes 18% da votação) mesmo contando com todo “arsenal humanomaterial” da máquina do Estado. Obviamente saído do bolso dos trabalhadores, através da corrupção eleitoral, por nós amplamente denunciada, onde não faltaram “500 passais”, nomeações nlevidas, promessas de empregos, usos de gráficas oficiais etc, etc., E o pior: não elegeram nenhuma mulher!

As mulheres dentro do partido governista sofreram a falta de espaço político e de apoio, o que resultou, como não poderia deixar de ser, na sua fraca atuação durante a campanha e no seu fraco desempenho no PT.

Gostaria de ver a liderança da bancada do PT, na Câmara de Vereadores entregue a uma mulher, o que serviria para desmistificar de vez por todas a idéia burguesa de que a mulher não está capacitada para exercer a política em sua plenitude.

## Radio Peão

### Rurais

Com apenas um voto de diferença (312 contra 311) a chapa I, encabeçada pelo trabalhador rural Manoel de Nazaré, venceu as eleições do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Macapá, no Amapá. Comprometendo-se com a luta em defesa do trabalhador rural, a nova diretoria tomou posse no dia 9 de novembro, para um mandato de três anos.

### Metalgíricos

A chapa I, do atual presidente dos Sindicatos dos Metalúrgicos de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, venceu o segundo turno das eleições para renovação da diretoria por um período de três anos. Adão Haggstram inicia seu terceiro mandato na presidência do Sindicato. Na segunda votação a chapa I confirmou sua vantagem sobre a chapa 2, encabeçada por José Quiriques Freitas.

### "O Grito da Terra"

Em Feira de Santana, na Bahia, a Associação de Entidades de Feira de Santana (Adesf) comemorou um ano de existência do jornal "O Grito da Terra". Criado e mantido pelos 20 entidades que integram a Adesf, "O Grito da Terra", já em seu 12º número, é um espaço aberto ao movimento sindical, às lutas dos trabalhadores, aos movimentos de bairro e a todas entidades que lutam por melhores condições de vida para a população.

### Estatísticos

A Associação Profissional dos Estatísticos do Brasil (Apeb) edita o "Jornal da Apeb", informativo nacional da categoria. Em sua edição de dezembro, a Apeb repudia as anormalidades verificadas na apuração das eleições no Rio de Janeiro. A Apeb critica também as prévias eleitorais realizadas de maneira inadequada, buscando favorecer certos candidatos, falsando, desse modo, "os resultados que expressassem a opinião real da população".

### CE dispensa 400

O Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, em São Paulo, denunciou a dispensa de 400 funcionários da General Electric em sua unidade daquele Município. Miguel Rupp, presidente do Sindicato, disse não concordar com os possíveis motivos da demissão dos 400 funcionários, já que os trabalhadores não são responsáveis pelas dificuldades criadas por medidas de exclusiva responsabilidade do Governo.

### Coferraz

A diretoria da Coferraz colocou à disposição do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André os livros fiscais da empresa. O Sindicato, nomeado síndico da massa falida da empresa, encaminhou os livros a um grupo de peritos contratados pela entidade, para análise-los.

O processo de arrecadação de bens da empresa está sendo feito por dois oficiais de Justiça, um avaliador e dois ex-operários da Coferraz.

### Multipesca

A Multipesca, indústria de pesca de Bertoga, no litoral de São Paulo demitiu cem funcionários, do seu quadro de 160, alegando "falta de pescada", devido à proibição da pesca nos meses de dezembro e janeiro.

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Santos entrou em ação na Justiça do Trabalho, exigindo a recontração dos empregados.

### Sorocaba

A Fábrica de Aço Paulista, de Sorocaba, Estado de São Paulo, demitiu no início desse mês 120 funcionários, totalizando 250 demissões no último dois meses.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Sorocaba disse que estão ameaçados de desemprego mais de vinte mil metalúrgicos, na cidade.

### Fiel demite

A Fábrica de Móveis de Ação Fiel demitiu duzentos empregados no início desse mês, totalizando quase 50% do quadro de funcionários. O Sindicato quer explicações da diretoria da empresa sobre essas demissões, que atingiram funcionários com garantia de emprego permanente, acidentados no trabalho e membros da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. (Cipa).

### Campanha

A campanha salarial do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema já tem reivindicações definidas: estabilidade no emprego, encarecimento das horas extras, redução da jornada de trabalho sem prejuízos salariais, piso salarial e índice de produtividade.

Jair Meneghelli, presidente da entidade, disse aguardar dados fornecidos pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos) para definir a produtividade e o piso. A data base do reajuste da categoria é 1º de abril. A campanha reunirá os três sindicatos do ABC e mais os de São José do Rio Preto, Itu, Santa Bárbara D'Oeste e Ribeirão Preto, e estará desligada da campanha da Federação dos Metalúrgicos do Estado de São Paulo.

# Como eles fizeram o Conselho

Começaram com a mobilização popular em torno de reivindicações concretas sobre saúde

## BÁRBARA HARTZ

Os moradores da Zona Leste de São Paulo, de uma região que conta com mais de 300 mil pessoas e vai dos bairros Vila Antonieta e Vila Rica até Iguatemi e Jardim Santo André, iniciaram há mais de sete anos um movimento de reivindicações na área da saúde.

Mas como apenas as idas e vindas às repartições públicas não traziam resultados, os moradores pouco a pouco foram ampliando esse movimento. Acabaram chegando à conclusão de que a única forma de conseguir as melhorias que queriam era a seguinte: a própria população precisava participar das decisões na área de saúde. No final de 1981, constituíram, então, os Conselhos de Saúde da Zona Leste, que tem como finalidade fiscalizar os Centros de Saúde existentes nos bairros.

### O começo da história

Em 1976, alguns clubes de mães ligados à Igreja Católica encaminham algumas reivindicações à Secretaria de Saúde do Estado. Eram reivindicações feitas isoladamente, por bairro, e não deram muito resultado. Em 1978, o movimento ampliou-se para todos os bairros da região, com a participação de gente das Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica e outros moradores, para ver porque as reivindicações não estavam sendo atendidas. Foram criadas, então, comissões totalmente independentes de qualquer entidade, para fazer uma pesquisa sobre as condições de saúde locais.

A pesquisa, que atingiu cerca de 3 mil famílias, foi elaborada e aplicada pelos próprios moradores. Para analisar os resultados, foi feita uma reunião ampla dos moradores da região, que decidiram não mais encaminhar abaixo-assinados e reivindicações às autoridades, mas debater diretamente com elas.

### Assembléias Populares

Vicentina Saraiva Pessoa é

integrante do Conselho do Centro de Saúde de São Mateus — Centro. Ela descreve a situação de seu bairro depois da pesquisa realizada na região:

"Havia seis postos de saúde aqui, e o hospital mais próximo era o do Tatuapé. Nós tínhamos uma comissão de saúde e nela surgiu a idéia de fazermos reuniões por ruas, com os moradores, e depois uma reunião de todo o bairro para reivindicar mais doze postos de saúde. Fizemos essas reuniões, junto com um trabalho de conscientização do povo, de casa em casa. Ao final, o povo se uniu e juntou onze ônibus que se dirigiram à Secretaria de Saúde do Estado para reivindicar os postos. Depois disso, realizamos uma assembléia popular na Praça da Igreja de São Mateus, onde compareceram duas mil pessoas vindas de todos os bairros da região. Também foram o próprio secretário de Saúde na época mais um representante do Superintendente do INAMPS em São Paulo. Isso foi no final de 80. Debates com essas autoridades e exigimos os 12 postos, um hospital com 150 leitos e maternidade e um ambulatório do INAMPS, semelhante ao do Glicério, para São Mateus".

### A expansão das Comissões

Além das mobilizações em São Mateus, em 1980, foram se fortalecendo comissões de saúde em cada vila da região. Eram feitos debates, e, mensalmente, se reuniam em São Mateus representantes dos bairros para avaliar o encaminhamento das reivindicações e o desenvolvimento e expansão das comissões.

No ano seguinte, foram constituídos os 12 centros de saúde reivindicados em São Mateus e ficou indicado o terreno para a construção do hospital e do ambulatório do INAMPS.

Ainda nesse ano, começa a discussão para a constituição dos Conselhos dos centros de saúde, que vai desembocar, em outubro do

mesmo ano de 81, na formação de 18 Conselhos eleitos por 95 mil pessoas, em 18 bairros da região, entre eles, Tietê, Cidade A.E. Carvalho, Burgo Paulista, Vila Ré, Vila Curuçá e outros.

### Conselhos Populares

Uma das conselheiras do Jardim Nordeste, Zulmira Alvarenga, relata que em seu bairro já havia desde 1978 um Conselho de Saúde eleito. Zulmira explica que "o Conselho foi eleito pela necessidade de fiscalizar e participar dentro do Centro de Saúde. O povo tinha de aprender a decidir politicamente sobre o Centro de Saúde, que era uma maneira de influir na Secretaria de Saúde".

Zulmira conta como começa e como funciona um Conselho Popular desse tipo.

"Para existir um Conselho de Saúde num bairro é preciso antes haver uma mobilização forte da população. O Conselho é formado por qualquer pessoa do bairro que se candidate, e seja eleita; não precisa ser nenhum figurão."

"Está previsto por lei um Conselho para cada Centro de Saúde" — diz a conselheira do Jardim Nordeste. "Em Mauá funcionava um desses conselhos, mas nós examinamos o seu estatuto e não concordamos com muita coisa. Principalmente porque o conselho era indicado pelo governo e formado somente por pessoas que eram advogado, diretor de escola, por exemplo".

Vicentina explica o funcionamento do Conselho: "Um conselheiro é eleito por dois anos com prorrogação de seis meses, até se realizar nova eleição. Cada mês o Conselho se reúne com os médicos, técnicos e funcionários do Centro de Saúde. Qualquer reivindicação da população é apresentada nessa reunião. Se não há leite, remédios, se o médico chega na hora certa, se o atendimento é bom ou não... Essas informações são recolhidas pelos conselheiros, junto à população, e são discutidas nessa reunião mensal."

Se o Conselho não consegue resolver os problemas nessa reunião mensal, ele convoca a comissão de saúde do bairro e os apresenta para que a solução seja encontrada em conjunto pelo Conselho e pela Comissão, levando as reivindicações para a Secretaria de Saúde.

As comissões de saúde não são eleitas, e delas participam todas as pessoas que se interessam pelos problemas de saúde. "As vezes — diz Zulmira — as pessoas não podem participar todo dia de atividades, mas um empresta a casa para uma reunião, outro vende convites para uma festa, e por aí vai. Essas pessoas também vão fazer parte da comissão. As comissões de saúde são completamente independentes das Igrejas dos partidos políticos, das sociedades amigos de bairro ou de qualquer outra instituição".

### Atuação dos Técnicos

Zulmira lembra ainda que em 1976, quando algumas comissões de saúde já estavam funcionando e o pessoal das comissões queria entrar nos Centros de Saúde para conversar com as mães, "muitos funcionários jogavam água na gente", porque tinham medo de que elas alterassem o seu trabalho. Hoje, ela acha que os médicos, técnicos e funcionários dos Centros de Saúde já aceitam bem melhor o trabalho dos Conselhos e das Comissões.

A finalidade do Conselho não é a de fiscalizar os funcionários, mas sim o que está errado no Centro.

"Mas, se há um problema que afete a população a gente tem de interferir", diz Alcides Lopes de Oliveira, conselheiro da Vila Roseli. Concordando com Zulmira, Alcides diz que "muitos funcionários ainda boicotam informações aos conselheiros. Mas é uma minoria".

Os conselhos criaram livros de reclamações dentro dos centros de saúde, onde qualquer pessoa pode fazer anotações. Falando de um incidente ocorrido em seu bairro, Alcides destaca a força do Con-

selho:

"No Roseli, nós conseguimos que um médico fosse removido para outro posto, porque ele queria bater nas mães, e chegou a rasgar o livro de reclamações".

Nas reuniões mensais entre os funcionários e o Conselho, este exige a presença dos técnicos. Zulmira chama a atenção para o fato de que população não tem acesso às leis da Secretaria de Saúde.

"Eles tem que passar o conhecimento para nós", diz ela. Com essa finalidade, os Conselhos organizaram recentemente cursos de saúde para a população em todos os centros onde atuam.

### Situação atual

Atualmente os 18 Conselhos existentes contam com 313 conselheiros eleitos. Em cada um de seus bairros eles vão conseguindo algumas melhorias. No Jardim Nordeste, por exemplo, para evitar que as mães tivessem que se deslocar até o centro da cidade para fazer exames pré-natal, eles conseguiram "peruas" que ficam circulando no bairro, recolhendo sangue, fezes e urina para os exames.

Com o tempo, os conselheiros foram sentindo necessidade de avançar na sua organização. Resolveram reunir mensalmente representantes dos 18 bairros onde existem Conselhos, para a troca de experiências e para enfrentar a Secretaria de Saúde, quando as reivindicações são comuns.

No momento, eles se empenham em fazer com que a Secretaria de Saúde do Estado aprove o estatuto que elaboraram para regulamentar o funcionamento dos Conselhos. Esse estatuto está sendo comparado com o estatuto elaborado pela Secretaria de Saúde do Estado. Os estudos são feitos por uma comissão que conta com a presença de dois conselheiros de cada bairro.

"Não aceitamos que não seja aprovado o nosso estatuto", afirma Vicentina. "Lutaremos para fazer vingar as idéias das 95 mil pessoas que participaram das eleições dos Conselhos."

## Rondônia: posseiros acusam grupo de SP

Trezentos posseiros estão acusando o grupo Agapito Lemos, de São Paulo, da aquisição ilegal de uma área de 40 mil hectares nos municípios de Vilhena e Colorado, em Rondônia.

De acordo com as informações dos posseiros, a grilagem teve início em 1972, quando o grupo Madeirama, em escritura lavrada no 27º Cartório de Notas, em São Paulo, declara estar vendendo a Firmino Rocha Freitas uma área de 40 mil hectares de uma área de 120 mil hectares adquirida por apossamento. A escritura diz que o grupo realizou benfeitorias em 64 hectares dessa área quando na realidade essas benfeitorias correspondem a pouco menos de cinco hectares.

Em novembro de 1979 os srs. Agapito Lemos e Firmino Rocha Freitas, como proprietários, arrendam os 40 mil hectares ao sr. Hetto Fleck para tirar madeira.

A Constituição e a Lei Agrária proíbem a concessão de 40 mil hectares a uma só pessoa. Sob a orientação de Reinaldo Galvão Modesto e Paulo Brandão, funcionários do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma

Agrária), a área foi fracionada em lotes de dois mil hectares, em nome de 20 familiares de Agapito Lemos.

Os grileiros dizem que foram expulsos dessas terras por uma liminar ilegal expedida pelo juiz temporário Paulo Carneiro, em agosto de 1981. Denunciam ainda, que para favorecer a aquisição dessa área pelo grupo Agapito Lemos, o INCRA reduziu a área de seu projeto de colonização, facilitando a posse ilegal ao grupo de São Paulo.

Em agosto deste ano, os posseiros dirigiram uma petição ao INCRA de Vilhena denunciando ameaças de expulsão e morte feitas pelos jagunços armados e solicitando o assento definitivo nessas terras aos que nela trabalham.

Em resposta aos posseiros, houve uma escalada de violência na região, registrando vários choques entre posseiros e os jagunços do grupo Agapito Lemos, com vários feridos, inclusive mulheres e crianças, e a morte de três posseiros.

Os posseiros lutam pela desapropriação da área como único meio de eliminar os conflitos de terras na região.

## Reunião de sindicalistas dia 30 em Petrolândia

Aumentaram as perseguições aos trabalhadores rurais de Petrolândia, em Pernambuco, e em Glória, na Bahia, mesmo antes de terminarem as apurações de 15 de novembro, segundo denúncias dos sindicatos de trabalhadores rurais dessas duas cidades.

Os sindicalistas dizem que o advogado da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco sofreu ameaças de morte por um grupo de fazendeiros da Zona da Mata e que o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Igaraci encontra-se afastado da cidade para não ser

assassinado por chefes políticos locais.

Ainda segundo os dirigentes sindicais, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco continua sem dar terras aos trabalhadores prejudicados pela construção da Barragem de Itaparica. Como resposta, os trabalhadores rurais de Caruru, Salinas e Caibros, do Município de Glória, estão realizando mutirões e plantões, e quase paralisando as obras. Além disso, os sindicatos da região convocaram uma concentração para o dia 30 de janeiro, às 15 horas, na sede sindical em Petrolândia.

## Greve na Conforja vai a julgamento em Diadema

Os metalúrgicos da Conforja, no ABC paulista, fizeram uma greve de um dia.

João Paulo, da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, disse que a greve foi iniciada quando os empregados ficaram sabendo que oitenta companheiros iam ser demitidos.

A polícia esteve no local durante o único dia de greve e não permitiu que a Diretoria do Sindicato realizasse seus trabalhos na porta da Conforja.

A diretoria da empresa, depois da greve, decretou suspensão coletiva a todos os empregados, como forma de punição e demitiu 54 trabalhadores alegando "justa causa".

João Paulo informou que a Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos está mantendo conversações com a empresa, tentando um acordo para que os demitidos recebam seus direitos, eliminando a "justa causa".

A greve da Conforja vai a julgamento na Justiça do Trabalho de Diadema.

## Rotatividade na construção

Empresários especulam e operários sofrem

Diogo Moreno

RIO — Os empresários da construção civil, à frente o todo-poderoso João Fortes, entregaram ao General Figueiredo um documento contendo vários "pedidos" de mudanças na economia do setor, entre elas, a eliminação dos 10% acrescidos ao INPC dos reajustes salariais de até três salários mínimos e a adoção do PIB como base para cálculo da produtividade, de modo a rebaixar o índice.

Os construtores querem negociar com o Governo mudanças econômicas que os ajudem a encontrar recursos para cobrir os orçamentos de suas empresas neste ano, sem mexer nos lucros ou criar novos investimentos. Como não conseguem nem baixar os preços dos materiais de construção (que se elevaram em mais de 1.000% nos últimos anos), nem os preços dos terrenos, e muito menos a taxa de juros, eles recorrem (mais uma vez) à inesgotável fonte de recursos: os trabalhadores.

As medidas reclamadas pelos industriais da construção civil atingem uma das camadas mais sofridas da classe trabalhadora, o operário da construção civil ou

peão de trecho, cuja categoria possui o maior índice de rotatividade na economia do País.

Segundo os dados do prof. João Sabóia, da Faculdade de Economia da UFRJ, com base nas informações da Rais, cada emprego na construção civil é ocupado em média, num ano, por três trabalhadores. E a preocupação em rebaixar a produtividade, na opinião do economista, é desnecessária porque com essa rotatividade "os trabalhadores já não a recebem mesmo".

A investida não é nova, como observa o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, Abdias José dos Santos. Entretanto, ela agora pode representar uma retomada das pressões patronais para derrubar ou para anular os efeitos da política salarial dos reajustes, justamente no momento em que o Governo, conforme vem sendo admitido em várias áreas oficiais, esquematiza um novo pacote de medidas de aperto econômico, que entretanto será conhecido agora.

A mesma política dos reajustes semestrais, que num determinado momento, como lembra Abdias,

serviu aos patrões e ao Governo para desarticular e desmobilizar o movimento operário e sindical, "agora querem tirar porque ela já cumpriu o seu papel".

Quanto à produtividade, os empresários da construção civil, no documento a Figueiredo, pedem que ela seja calculada pelo PIB, o que é uma forma indireta de rebaixar o índice de produtividade. Esse índice até aqui tem sido determinado pelos Tribunais Regionais do Trabalho, em torno de 4%, pois como afirma o professor João Sabóia, o PIB pode até mesmo ser "decretado" negativo.

"A tentativa dos empresários é uma forma de sugar mais ainda o sangue do trabalhador — diz Sabóia — observando que a indústria da construção civil é a "campeã dos baixos salários, campeã da rotatividade e campeã das más condições de trabalho". E a eliminação dos 10% nos reajustes, segundo ele, não vai acabar com a rotatividade "porque essa é uma política antiga desse setor", que já era aplicada mesmo antes da lei que criou os reajustes semestrais".

## Agenda dos Trabalhadores

### JANEIRO

★	Passeata de grupos ecológicos contra a poluição	22	S. Vicente	SP
★	Congresso anual da Confederação dos Professores do Brasil	20/25	Natal	RN
★	Posse dos prefeitos eleitos	31	Em todo o País	

### FEVEREIRO

★	Reunião do Diretório Nacional do PT	5	Brasília	DF
★	Convenção Nacional Extraordinária do PT para examinar a situação no Pará.	5/6	Brasília	DF
★	Reunião de sindicalistas para decidirem ida a Brasília, em protesto contra a mudanças da lei salarial	23	São Paulo	SP

### MARÇO

★	Posse de governadores e parlamentares eleitos em 15 de novembro	15	Em todo o País	
---	---	----	----------------	--

### ABRIL

★	Data-base dos metalúrgicos do ABC	1º	ABC	SP
---	-----------------------------------	----	-----	----

### MAIO

★	Reunião plenária da Comissão Nacional Pró-CUT.	5/6	Brasília	DF
★	Congresso de delegados, convocado pela Comissão Pró-CUT do Estado de São Paulo.	—	São Paulo	SP



Adilson revolucionou as relações entre clube e jogadores (Foto: Ovidio Vieira)

# A democracia faz um gol no Corinthians

PAULO JOSÉ MORAES

Dentro do futebol, do ambiente futebolístico, percebe-se uma reprodução nem sempre idêntica ao que acontece na sociedade, em geral piorada.

Durante muito tempo, o Sport Clube Corinthians Paulista foi um exemplo de uma ditadura cruel, e que se não matou ninguém nos porões de tortura, acabou com uma infinidade de carreiras esportivas, oprimiu uma quantidade enorme de jogadores e seus familiares, e viveu sob o comando desastroso e totalitário de um só homem, Vicente Matheus, que ao menos serviu para enriquecer o folclore político-esportivo, já que sempre foi um especialista em dizer asneiras. Quando não pode mais ser presidente, ainda tentou comandar o clube via indireta, elegendo um "lesta-de-ferro", e ficando com a vice-presidência.

## Revelação

O tiro saiu pela culatra; o novo presidente, Waldemar Pires, mostrou ser um verdadeiro comandante, e entre seus auxiliares encontra-se a maior revelação de cartola dos últimos anos.

Trata-se de Adilson Monteiro Alves, de 36 anos, um sociólogo que atua no cargo de Diretor de Futebol do Clube.

Afastado o ditador, Adilson cresceu em suas funções, e hoje é o nome mais certo para ganhar qualquer eleição dentro do clube. Seu trabalho, honesto e renovador, foi o que o levou a essa posição. Ao final do campeonato de 82, com o Corinthians campeão, quase com o mesmo time que um ano antes havia sido rebaixado para a segunda divisão do futebol brasileiro, e que saíra dessa posição humilhante com todo o brilho, até chegar à volta à primeira no Morumbi, Adilson declarava que a democracia venceu.

Frase logo repetida por Sócrates e outros companheiros do elenco.

Adilson nos explica porque essa foi a vitória da democracia, como funciona o esquema de participação popular de todos os funcionários do time, fala sobre o fim da concentração e sobre o episódio forjado de "posse de cocaína" com o jogador artilheiro Casagrande.

## Diálogo

Segundo Adilson, o Corinthians tentou levar para dentro de seu dia-a-dia o que estava acontecendo no resto do País. Um trabalho com uma liberdade, honestidade e democracia. Isso foi conseguido abrindo o diálogo com os jogadores, decidindo todos juntos, através da troca de idéias, quem deve ser contratado, se devem ou não se concentrar, como deve ser feita a distribuição da renda, das arrecadações.

O Corinthians acabou com o paternalista "bicho", aquela esmola-prêmio que se dava ao final das partidas, e que como elemento adicional e não fixo, servia aos dirigentes como argumentação tendenciosa na hora das renovações de contrato.

Agora é diferente, vigora uma espécie de socialismo, com uma participação nas arrecadações, produzidas pelo espetáculo dado pelos jogadores, lembra Adilson, os trabalhadores do futebol. Essa participação não é que deixou de ser proibida. Passou a ser estimulada.

Seja nas reuniões dentro do clube, seja para a política (Zé Maria elegeu-se vereador pelo PMDB, Casagrande, Vagner, Ataliba e Vladimir se filiaram ao PT, o técnico Travaglini é simpático ao PDT, e o próprio Adilson se diz com a oposição, sem declarar seu voto) ou também para a vida privada e social.

Mas, esse lado político, frisa Adilson, tem que continuar, o esquema está só começando, agora é a hora de dar posse e garantir essa posse. E a expressão continua sendo livre e total no elenco.

A concentração servirá só para ajudar os jogadores que estiverem com alimentação especial, ou em tratamento, antes dos jogos. Será facultativo. Um avanço no que foi feito nesse ano, onde os horários de concentração foram bastante diminuídos. Ai entrará a responsabilidade dos jogadores. Democracia exige responsabilidade, e por isso o grupo seleciona seus componentes.

## Casagrande

Por tudo isso, diz Adilson, o novo Corinthians incomoda muita gente. Nem todos querem a democracia, a liberdade. E daí, a violência contra o Casagrande, que visa atingir não só a pessoa de 19 anos (que nem foi levada em consideração), como a todo o grupo ao clube, e até a esse nível de participação política.

Ao final da entrevista, com Adilson, Casagrande nos avisa de que seus advogados estão trabalhando para desmascarar essa fraude, que talvez tenha sido montada para atingi-lo politicamente.

O petista Valter Casagrande Jr., afirma que muita gente não admite ter que dividir o poder, e talvez aí esteja a razão disso tudo, mas que nada disso vai atrapalhar nem seu futebol, nem sua ideologia política. É PT, trabalha para o Partido, e vai continuar trabalhando. Vai fazer seus gols e ajudar o time a ser campeão, a menos que seja preso. Ai, não poderá fazer nada quanto ao futebol. Politicamente, ainda poderá.

Ai está o trabalho de Adilson, nas palavras finais de Casagrande.

# A Carta de Camucim narra as violências

Trabalhadores rurais contam como foi

Os trabalhadores rurais de Camucim, na Paraíba, foram vítimas de violências praticadas por capangas e funcionários de latifundiários da região que espancaram menores, pais de famílias, destruíram escolas, queimaram casas e colheita dos trabalhadores, balearam e submeteram os trabalhadores rurais da região a desumanas humilhações.

## A íntegra

Transcrevemos aqui, na íntegra, a carta em que os trabalhadores rurais de Camucim fazem essas denúncias:

"Nós, moradores de Camucim, estamos escrevendo esta carta para denunciar os últimos acontecimentos e ao mesmo tempo exigir providências por parte das autoridades competentes e o apoio do povo em geral.

No dia 4 de novembro de 1982 o capanga Severino Nazaré espancou o menor Ednaldo Alves de Souza. Denunciamos o ocorrido e até aqui não houve nenhuma providência.

Com a chegada do capanga, Geraldo Nogueira, os dois começaram a dizer que iam matar cinco pessoas: João Pereira de Lacerda (presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pitimbu); José Francisco de Oliveira (diretor do STR de Pitimbu); Pedro Paulino da Silva (diretor do STR de Pitimbu); Lourenço Alves de Souza e Aluisio Alves de Souza.

"Sábado, dia 27/11/82, pela tarde, chegaram nove capangas, entre eles três estavam mascarados, comandados por Antonio Amaral, superintendente da Destilaria Tabú; Joaquim José de Barros Dias, advogado da Destilaria; Alexandre, que trabalha na Destilaria; Severino Nazaré e Geraldo Nogueira que também é capanga, e fizeram miséria aqui em Camucim:

" - Derrubaram a nossa escola feita por nós mesmos, destruíram o material escolar e toda a merenda que estava na escola, destruíram 15.000 telhas com os tratores, queimaram a casa do companheiro Manuel Cosme do Carmo que tinha dentro 30 arrobas de semente de inhame, 5 sacos de milho, 4 sacos de amendoim e outros objetos caseiros.

" - Reconstrução da escola derrubada, indenização das 15.000 telhas, indenização a Manuel Cosme do Carmo por tudo que foi destruído pelos capangas;

" - Desapropriação imediata da Fazenda Camucim;

" - O cumprimento do documento que o general Inaldo Seabra nos deu no início de 1982."

anos, casado, 7 filhos menores e o espancaram barbaramente com coronhadas de espingarda, chutes, murros, coice de fuzil. Só não o mataram porque sua corajosa esposa cobriu o companheiro com sua saia e ficou com os 7 filhos em volta de Zé Galeigo. Os capangas ainda bateram em uma filha de 8 anos do companheiro. Depois os capangas entraram em sua casa e roubaram sua espingarda. Zé Galeigo ficou caído no chão, quase morto, sangrando por todo o corpo. O companheiro encontra-se hospitalizado e passando mal.

"Como todos sabem, temos um documento que o general Inaldo Seabra Noronha, Comandante do Primeiro Grupamento de Engenharia, nos deu no dia 6 de janeiro de 1982 quando a gente estava na praça, e esse documento nos garante a terra até que o problema seja resolvido definitivamente.

"Que situação é esta? O companheiro Luiz Pedro da Silva foi injustamente baleado por capangas do latifúndio de Arvore Alta no dia 7 de novembro; o advogado dos trabalhadores foi espancado pelo delegado de Alhandra, quando defendia os trabalhadores de Arvore Alta; o menor Ednaldo Alves de Souza foi espancado pelos capangas da destilaria Tabú e agora acontece esse verdadeiro massacre aqui em Camucim. Tudo isso acontece em tão pouco tempo. O que significa?

"Por fim exigimos:

- 1 - Retirada e punição dos capangas que bateram nos companheiros Ednaldo e Zé Galeigo, pois sabemos que no comando do massacre estavam: Antonio Amaral, Joaquim José de Barros, Alexandre de Tal, Severino Nazaré e Geraldo Nogueira.
- 2 - Segurança de vida para os seguintes companheiros: João Pereira de Lacerda (presidente do STR de Pitimbu); José Francisco de Oliveira (diretor do STR de Pitimbu); Pedro Paulino da Silva (diretor do STR de Pitimbu); Aluisio Alves de Souza e Lourenço Alves de Souza;
- 3 - Reconstrução da escola derrubada, indenização das 15.000 telhas, indenização a Manuel Cosme do Carmo por tudo que foi destruído pelos capangas;
- 4 - Desapropriação imediata da Fazenda Camucim;
- 5 - O cumprimento do documento que o general Inaldo Seabra nos deu no início de 1982."



# Latino-americanos lutam por anistia e direitos

Representantes reúnem-se na PUC

A União Cristã Brasileira de Comunicação - UCBC - promoveu seu XI Congresso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como faz anualmente para debater sobre algum assunto polêmico da atualidade e para discutir a relação que ele tem com a comunicação.

Neste XI Congresso, 1.600 pessoas, vindas de 17 Estados do Brasil, participaram do congresso. Foram apresentados 15 filmes, exposição de cartazes e 75 painéis de debate abordando temas relativos à "comunicação e aos direitos humanos", tema do congresso deste ano.

## Violação

Foram denunciados muitos casos de violação dos direitos humanos no Brasil e nos países vizinhos, e relatados muitas experiências de entidades e comunicadores que lutam para que os direitos humanos sejam respeitados em nosso continente.

As mães argentinas da "Plaza de Mayo" também estiveram no congresso e participaram da liturgia que celebrou "a vida de todos os que sucumbiram vítimas do desrespeito aos direitos humanos na América Latina e da oração aos mártires do nosso tempo". Elas também passaram um abaixo-assinado aos presentes, que pretendem entregar ao Governo argentino recla-

mando a vida de seus filhos. Essas mães são conhecidas no mundo inteiro por causa da luta que desenvolvem para saber onde estão seus filhos - 30 mil no total - que estão desaparecidos desde que foram seqüestrados pelos militares Argentinos, a partir de 1976, quando deram o golpe de Estado.

## LSN

No congresso também foi denunciado a prisão de Juvêncio Mazarulo, editor do Jornal "Nosso Tempo", de Foz do Iguaçu, no Paraná, que foi enquadrado na Lei de Segurança Nacional, foi condenado a um ano de prisão e é o único preso político em nosso país. Por causa desse tipo de denúncia e porque essa lei ameaça a todos que lutam contra a estrutura injusta da nossa sociedade, foi decidido que o próximo congresso - que será em Recife e na mesma época do ano - centrará o tema dos debates na Lei de Segurança Nacional.

Dez grupos musicais e dez grupos de teatro também participaram do congresso, mostrando seus trabalhos, que geralmente falam da luta pela libertação do povo brasileiro. Suzana Baco, cantora negra peruana, que canta a vida e o sofrimento dos povos das Américas, fez o show de encerramento do congresso.

## HUMOR

### Quem paga?

Os homens de terno e gravata foram entrando sem pedir licença, chamaram o dono da casa e foram dando as ordens: a partir de hoje, as despesas familiares precisam ser drasticamente cortadas; serão despedidas duas empregadas e a terceira não será demitida mas ficará com salário reduzido em 50%; a mesada da rapaziada será cortada em 80% (cinema só uma vez por mês e nada de festinhas de aniversário); uma vez por dia será servida refeição (ou almoço ou jantar, dia sim, dia não). E podem vir mais cortes logo, logo.

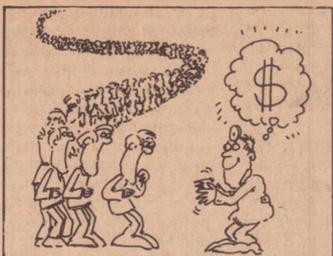
O dono da casa não dizia nada. Afinal, ele havia se endividado em negócios mal feitos ou supérfluos (por ex.: pagou 1 milhão num carro que não valia nem 500 mil; viajou pelo mundo com passagem comprada a crédito e depois não pagou as prestações). Para sair do buraco (os credores não saíam da sua porta), hipotecou a casa e prometeu cortar os gastos familiares que lhe fossem recomendados, ainda que a família não tivesse tido a mínima participação no esbanjamento de dinheiro. Pelo contrário, os filhos mais velhos já estavam trabalhando para pagar os próprios estudos.

Foi, então, que a dona da casa, até então calada, resolveu perguntar: "Quem são os senhores para mandar na minha casa?"

E o chefe do grupo respondeu: "A culpa é do caloteiro do seu marido. Mas, se a senhora preferir, botamos o homem na cadeia e tudo fica como antes".

E lá se foi o caloteiro com seus credores, devidamente algemado, enquanto a família e as empregadas respiravam aliviadas. Para sempre.

J. Maria



### Esperieza

O Zé Luis, que morava em Nova Resende (MG), é pescador e caçador. E diz que nunca contou uma mentira!

Uma das últimas verdades do Zé Luis é que ele tinha um passarinho tão esperto, mas tão esperto, que fugiu "com gaiola e tudo".

### O papagaio

Agora o Zé Luis diz que tem um papagaio gordo, bonito e muito sabido também.

O gato do vizinho é doído pra comer o papagaio do Zé Luis, mas não consegue.

O papagaio fica lá no poleiro, tranqüilão, o gato vem devagarzinho por cima do muro e o papagaio finge que não está vendo. Quando o gato está bem perto e prepara o pulo para pegar o papagaio, o louro imita a voz do dono e diz: "Chiiiiip gato!"

(MB)

### O circo de bichos

Lá pelas bandas do Sudoeste de Minas nunca tinha aparecido um circo de bichos. Só quando andou por São Paulo ou Rio de Janeiro tinha visto de mais ou menos perto um leão, um elefante, etc.

Um dia apareceu em Guaxupé um circo desses, com bichos que a gente só via em filmes do Tarzã. Foi um sucesso em toda região. Caravanas das cidades vizinhas iam a Guaxupé só para ver o circo.

Em Bom Jesus da Penha tinha um dono de pensamento, dono de venda e "biscateiro" louco por dinheiro.

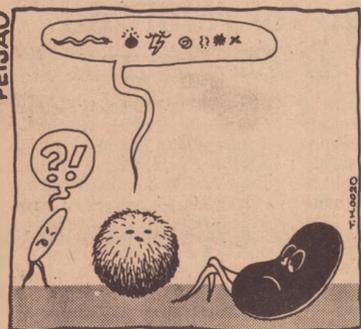
Resolvevam fazer uma brincadeira com ele. Telefonaram dizendo que era do circo de bichos de Guaxupé:

"Olha, a gente quer ir aí para Bom Jesus, queremos montar nosso circo aí, mas tem um problema: os nossos leões só comem cachorro e gato. Só montamos o circo aí se o senhor se comprometer vender para nós bastante cachorro e bastante gato."

O vendedor ficou eufórico com a chance de ganhar dinheiro. Todos os que paravam em sua venda acompanhados de cachorros e gatos. Se o sujeito não lhe desse o cachorro, ele comprava. Comprava gatos da vizinhança, da criançada.

Seu quintal ficou cheio. Era cachorro e gato por todo lado. Ele, alimentando os animais, engordando para dar melhor preço, ficou esperando o circo. Não só perdeu dinheiro como quase ficou louco.

"O que fizeram comigo foi uma cachorrada" - dizia.



## CRÔNICA

# Moleque Sem Nome

SILVIA REGINA S. MELLO

Moleque sem nome, que vives rasgado, roxinho de frio, péssimo desvalço que brando gado, que fazem de ti? O pai no trabalho, a mãe enfiada à beira da tina, lavando as roupinhas dos filhos dos ricos, e tu pelas ruas moleque sem nome, jogando bolta, quebrando vidraças, na escola do vício e da vadiagem.

Plantinha sem viço, batida dos ventos, será que resistes à dura intemperie de um mundo cruel? Por que não te abrigam, porque não te escoram, a fim de que cresças ereto pró céu?

Os donos do povo, moleque sem nome, já te destinaram a vida servil. Será que é pecado nascer em casebre? Ser filho de pobre trará maldição?

Bem sei, molequinho da roupa rasgada, que se tu tivesses metade das "chances" que tem os meninos dos régios palácios,

# A Direção do PT faz a auto-crítica



## Os erros e os acertos

É o seguinte o texto integral do documento de avaliação preliminar da campanha eleitoral elaborada pela Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores:

A Comissão Executiva Nacional, reunida nos dias 4 e 5 de dezembro, teve a oportunidade de fazer uma ampla discussão sobre a participação do Partido nas eleições de 15 de novembro. Os resultados são enviados agora a todos os organismos do PT. Não se trata, aqui, evidentemente, de uma avaliação conclusiva da nossa participação nas eleições, a qual só poderá surgir como resultado final do processo de debate já em curso no interior do Partido. Trata-se de uma avaliação preliminar que a CEN apresenta como contribuição ao debate. Para os organismos partidários que ainda não tenham iniciado a discussão, esta avaliação preliminar poderá servir também como um roteiro.

É do entendimento da CEN que o debate sobre os resultados eleitorais e, em particular, sobre a nossa participação, deve ser feito, em nossas fileiras, do modo mais amplo e democrático possível. A CEN tem observado que em muitos organismos do Partido a discussão se tem limitado a uma avaliação extremamente superficial. Muitos companheiros nossos parecem temer que uma discussão mais aprofundada entre nós possa abrir flancos a críticas vindas de fora, da parte de nossos adversários e de alguns de nossos aliados. Entende a CEN que uma atitude temerosa em face da discussão só pode levar a prejuízos para o Partido, pois no temor de críticas que venham de fora, acabamos por deixar que os problemas se acumulem dentro do Partido, sem que se definam precisamente perspectivas de solução, por falta de um debate esclarecedor.

### 1 - O Governo e as oposições

O Governo federal conseguiu sair fortalecido de um processo eleitoral que ele próprio havia condicionado com os casuísticos, as imposições da Lei Falcão, o uso desenfreado da máquina do Estado e da corrupção em larga escala. Isso se evidencia numa apreciação dos resultados a nível nacional: o PDS foi vitorioso sobretudo nos Estados mais pobres, mais dependentes, portanto, do governo federal. No conjunto do país, o PDS levou à prática, com êxito, uma política de clientela em ampla escala, visando tanto as cidades pequenas do interior, quanto as populações periféricas das grandes cidades. Não se pode esquecer que o PDS ficou com a maioria dos Estados, incluindo alguns da importância histórica de Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Os partidos de oposição, em particular o PMDB, ficaram com a maioria dos votos populares. Isso significa dizer que a maioria do povo brasileiro votou contra o regime, buscando algum caminho para mudar a situação atual. Nesse sentido, as eleições significaram um sério desgaste do regime perante a opinião pública.

É importante ressaltar, porém, que conforme o PT já observara em muitos dos seus pronunciamentos, o PMDB, maior beneficiário das eleições no campo das oposições, toma o caráter de um partido confiável ao regime. Isso era previsível desde a incorporação do PP, pela qual o PMDB absorveu, de fato, um sem-número de egressos da artiga Arena. E se torna ainda mais evidente agora, em face das manifestações de Trancredo Neves no caminho de uma conciliação com o PDS. Os resultados eleitorais mostram, assim, um quadro político de conciliação entre os grupos dominantes, agrupados no PDS e nas posições de mando do PMDB.

### 2 - O PT nas eleições

Nesse quadro, há que reconhecer, com toda clareza, que o PT ficou a menos do que esperávamos e mesmo a menos do que nossos aliados e muitos dos nossos adversários imaginavam. Nossas expectativas mínimas para o pleito eram as definidas na lei dos partidos. Embora de aplicação suspensa em 1982, a lei serviu-nos para quantificarmos o nosso objetivo mínimo: 5% de votos em escala nacional, e pelo menos nove Estados com mais de 3% de votos. A parte São Paulo, Rio de Janeiro, Rondônia e Acre, não alcançamos os mínimos esperados. Do mesmo modo, embora tenhamos atingido 10% dos votos em São Paulo, não atingimos os 5% dos votos nacionais.

É importante que o Partido discuta e estude as razões desses fatos. Sabemos que a maioria da população brasileira se orientou para, uma vez mais, protestar contra o regime. Por que o nosso Partido, que é, inquestionavelmente, o mais definido como partido de oposição, apresenta resultados tão débeis? Exceto no Estado de São Paulo — e, eventualmente, no Acre — nunca foi pretensão nossa um

O PT, nas eleições, conseguiu menos do que esperava e do que aliados e inimigos imaginavam, mas conseguiu mais do que tinha antes.

Essa é uma das principais conclusões contidas no documento de avaliação preliminar da campanha eleitoral elaborado pela Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores. Cópias do documento foram enviadas (pela circula 16/82 da Secretaria Geral Nacional), aos membros do Diretório Nacional e aos Diretórios Regionais. Na circular recomenda-se, com ênfase, que os Diretórios Regionais promovam a mais ampla divulgação do documento, "que servirá de subsídio para a avaliação do processo eleitoral pelas bases do Partido". Também se recomenda que os Diretórios Regionais realizem, até o final de janeiro, reuniões estaduais e municipais ampliadas, e que o resultado dessas avaliações seja levado à reunião do Diretório Nacional, em Brasília, no dia 5 de fevereiro.

### ERROS COMETIDOS

Os principais pontos da avaliação da Comissão Executiva Nacional do PT vão em seguida resumidos.

O Governo Federal saiu fortalecido com as eleições de 15 de novembro, mas a maioria do povo brasileiro votou contra o regime. O PMDB mostrou ser um partido confiável ao regime e agora se delineia um quadro político de conciliação entre os grupos dominantes, agrupados no PDS e no comando do PMDB.

O Partido dos Trabalhadores não alcançou 5% dos votos nacionais, e apenas em quatro Estados conseguiu 3% dos votos estaduais. O que explica esse desempenho desfavorável é um conjunto de desvios da campanha eleitoral — em parte decorrentes de erros anteriores à própria campanha — e que podem ser resumidos em excesso de doutrinário, de eleitoralismo, de aparelhismo e de internismo. Na maior parte dos lugares, o PT não chegou a completar a lista de candidatos, faltou um mínimo de organização partidária, as direções se dissolveram durante a campanha e os Comitês Eleitorais Unificados não funcionaram.

Durante a campanha, o PT, quase sempre, ficou mais em ataques gerais, ou em mera agitação de slogans abstratos, deixando para segundo lugar planos definidos de Governo e propostas concretas relativas à luta cotidiana dos trabalhadores. Houve erros também na propaganda pela Televisão, entre os quais e ênfase equivocada em aspectos negativos do currículo dos candidatos e o excesso de espaço dado a minorias. A Carta Eleitoral do PT foi ignorada ou desleixada, em muitos casos.

Esse conjunto de erros é explicado, em parte, pela falta de compreensão das relações entre luta eleitoral e luta de massas, ou por interesses eleitoreiros de pessoas, grupos e tendências, muitos vezes apenas pretendendo consolidar posições aparelhistas dentro do próprio PT ou dentro do Parlamento. Disso resultou, muitas vezes, que a preocupação com a luta interna foi maior do que a necessidade de campanha para fora do Partido.

Como propostas daqui para a frente, o documento aponta as principais: ampliar a filiação, desenvolver a nucleação e participar das lutas populares.

desempenho tão favorável que pudéssemos estar em condições de vencer as eleições majoritárias. E mesmo em São Paulo, nossa disposição de "lutar para ganhar" aparecia como resultado das preferências manifestadas de partes importantes do eleitorado, mais do que de definição prévia de nossa tática eleitoral. Em todo caso, o certo é que para a quase totalidade dos Estados, não pretendíamos mais do que conquistar uma posição de 3%, uma posição pequena, mas suficiente, segundo nossa estratégia de luta. Por que não fomos capazes de conquistar esses 3% em mais do que quatro Estados?

Esta é a primeira questão para a qual devemos, como Partido, explicar. Mas, antes de apresentarmos aqui algumas tentativas de resposta, é importante ressaltar que os pontos de vista da CEN não pretendem conduzir a nenhum pessimismo. Trata-se de buscar a maior objetividade possível na avaliação. Neste sentido, devemos reconhecer, com clareza, que se não conseguimos o que queríamos, conseguimos mais do que tínhamos.

No conjunto do País, conseguimos 8 deputados federais, 13 deputados estaduais e algumas dezenas de vereadores. Conseguimos ainda resultados favoráveis que não apareceram nesses números, mas que se revelaram durante a campanha. Pela primeira vez, pudemos colocar a nossa proposta partidária para as mais amplas massas em todo o País. Por menos que isso apareça nos resultados eleitorais, ninguém há de negar que o nosso esforço de propaganda, com todas as suas limitações, atingiu muito mais gente do que qualquer das nossas campanhas anteriores. A legenda do PT foi levada aos quatro cantos do País, como nunca fomos capazes de fazer antes.

Também é importante assinalar que, mesmo num quadro que fica a menos do que esperávamos, o PT conseguiu lançar uma importante base de massas no Estado de São Paulo. Embora nosso desempenho tenha sido, mesmo em São Paulo, inferior ao desejado, não há que negar que conseguimos implantar o Partido como força política apreciável naquele Estado. E, nos casos do Rio, Minas, Rondônia e Acre, conseguimos superar o mínimo de 3%, como também conseguimos importantes pontos de apoio em todos os demais Estados.

### 3 - PT: alguns dos nossos erros

Por que não conseguimos o que queríamos? Algumas explicações já foram apresentadas. Tivemos, contra nós, os casuísticos do Governo e o poder econômico, tanto do PDS quanto do PMDB, bem como os setores da grande imprensa ligados aos partidos dos grupos dominantes. Sem esquecer, evidentemente, setores da própria esquerda que se uniram a parcelas da burguesia liberal, visando também o descrédito da nossa proposta de organização dos trabalhadores.

Além disso, é inevitável que as eleições transcorreram, na maioria dos Estados, como eleições plebiscitárias, ao estilo do que já ocorreu em 1974 e em 1978. Significa dizer que o PMDB conseguiu, na maioria dos Estados, apresentar-se como a única alternativa real de oposição, estreitando assim o campo para o surgimento de qualquer proposta nova. Na verdade, as únicas exceções a essa regra geral são os Estados de São Paulo — onde o PT e o PTB conseguiram furar o bloqueio plebiscitário — o Rio de Janeiro — onde o PMDB já era Governo, possibilitando assim o crescimento do PDT — e o Rio Grande do Sul — onde o PDT mantém uma importante reserva da tradição trabalhista. Todos esses fatos são conhecidos e devem merecer reflexão de todos nós, mas ainda assim não bastam como resposta.

É, na verdade, não conseguiremos nenhuma resposta satisfatória até que sejamos capazes também de avaliar a participação do PT nas eleições, com todos os seus erros e os seus acertos.

Alguns dos nossos erros durante a campanha dependem de outros que cometemos antes de iniciarmos a campanha. Não completamos, em nenhum Estado, as listas de nossos candidatos a deputado federal, deputado estadual e vereador. Na maior parte dos casos ficamos com um terço dos candidatos a que teríamos direito; em muitos casos ficamos até com menos do que isso. Esse fato aconteceu, não obstante as advertências da CEN antes do pleito, chamando a atenção das direções regionais nos Estados. O resultado de fatos como esse foi que só tivemos, na maior parte dos Estados, uma possibilidade mínima de confronto com as máquinas eleitorais dos demais partidos.

Por que não fomos capazes de completar as listas? Alguns companheiros insistem em dizer que isso se deve simplesmente ao fato de que não tínhamos ainda em nossas fileiras gente que se dispusesse a concorrer. Isso é verdade, mas apenas em parte serve como explicação. Fator mais importante é que em muitos Estados as direções partidárias simplesmente ignoraram a necessidade de lançar o maior número possível de candidatos. E, portanto, não prepararam o Partido, não estimularam os companheiros a que participassem das eleições como candidatos. Houve casos em que, pelo contrário, muitos companheiros foram desestimulados para não competir com as candidaturas de outros companheiros. Assim como houve casos de companheiros que apresentaram as suas candidaturas apenas para tomar lugar de algum outro, não para concorrer, de fato, às eleições.

Alguns dos nossos erros durante a campanha dependem, dizíamos antes, de erros que cometemos antes da campanha. Na verdade, faltou-nos um mínimo de organização partidária para fazermos face a uma campanha como a de novembro. A grande maioria das nossas direções partidárias praticamente se dissolveu durante o processo eleitoral. Quase todos os membros das nossas direções se apresentaram como

candidatos. Isso talvez fosse inevitável, necessário mesmo. Mas o resultado é que não sobrou a esses companheiros tempo para as funções normais de direção. Isso é verdade para as direções em geral, tanto a nacional, como as estaduais e municipais. Na grande maioria, foram obrigadas a se diluir no processo eleitoral. O que significa dizer que erros eventualmente cometidos no encaminhamento da campanha não poderiam ser submetidos ao controle de nenhum dos nossos organismos dirigentes.

Os efeitos dessa diluição das direções tornaram-se tanto mais graves quanto se sabe que em muitos Estados os nossos Comitês Unificados não passaram de figuras de papel. Há exceções, como São Paulo, Rio, Minas e outros. Em muitos Estados, porém, o que se chamava de Comitês Unificados não era senão um aglomerado de dirigentes, candidatos e militantes. Significa dizer que na maior parte dos Estados, os Comitês, na verdade, nem chegaram a existir como organismo capazes de levar avante a campanha. Por outra parte, a ação do Comitê Unificado Nacional foi muito superficial como ajuda às campanhas estaduais. Como era de sua natureza, ele só podia ter eficácia como um organismo de observação, nunca de intervenção nas campanhas, sempre de natureza estadual e, portanto, submetidas diretamente aos organismos estaduais. Tudo isso significa que o Partido ficou, na verdade, acéfalo durante a campanha. Por isso não pudemos corrigir em tempo os erros que pudemos perceber.

Ainda mais: no plano político eleitoral, ficamos no ataque às questões gerais, deixando em segundo plano as questões concretas. Um exemplo disso está no doutrinário característico de muitas de nossas campanhas estaduais e de muitos de nossos candidatos, tanto a deputado quanto a governador e a senador. Com exceção de uns poucos Estados, não tínhamos planos definidos de Governo nem propostas concretas para resolver os problemas. Daí que muitos de nós preferíamos partir para posições doutrinárias de pregação em abstrato em favor do socialismo. Muitos outros transformaram as eleições em um momento de mera agitação de slogans, contra os patrões, contra a ditadura, etc., sem nenhuma preocupação real com as questões concretas do dia-a-dia dos trabalhadores e do povo.

Outros exemplos aparecem na nossa propaganda pela televisão e na nossa propaganda em geral. Na televisão a apresentação de slogans dos nossos candidatos tomou, por ingenuidade nossa, quase o caráter de um prontuário de polícia. Não avaliamos devidamente as limitações técnicas e políticas da lei Falcão e, às vezes, até por excesso de respeito às leis em vigor, introduzimos em nossa propaganda informações que deveríamos simplesmente ter omitido. Por exemplo, dizer na apresentação de um candidato que ele foi preso ou condenado pela LSN sem poder explicar ao povo os porquês, levava a transmitir uma impressão errada: o candidato em questão deixava de aparecer como vítima da repressão para aparecer como bandido.

Do mesmo modo, erramos ao conceder demasiado espaço em nossa propaganda a certas reivindicações de minorias, as quais não tínhamos espaço nem tempo para aplicar. Aprendemos assim que em campanha eleitoral, como em qualquer campanha de massa, a propaganda só deve fazer referência àquilo que é capaz de explicar com a maior clareza. Deve ater-se ao essencial.

### 4 - PT: aprender com a luta de massas

Como entender um acúmulo de erros de tais proporções? Como entender que o PT não tenha conseguido levar a sua proposta com toda a clareza necessária? No entendimento da CEN, uma das raízes de nossos erros de campanha está em que não fomos capazes de levar à prática, na medida necessária, a nossa Carta eleitoral. Nesse particular, há dois tipos de erros sobre os quais nós podemos passar por alto.

Para uma parte dos nossos companheiros, a campanha eleitoral não foi uma campanha do PT, visando à construção do PT, mas uma campanha para atender aos objetivos eleitoreiros deste ou daquele companheiro, deste ou daquele grupo ou tendência. Houve quem transformasse a campanha eleitoral numa espécie de prévia para disputas aparelhistas de posições dentro do Partido. Esses não se preocupavam em jogar a campanha para fora, para as massas, para os trabalhadores, mas faziam campanha dentro do Partido, numa luta típica de uma visão aparelhista da política. Do mesmo modo, houve quem transformasse a campanha eleitoral numa simples oportunidade para a conquista de posições pessoais (ou grupais) no Parlamento. Por causa dessas visões equivocadas da campanha, muitos

dos nossos companheiros gastavam mais tempo brigando dentro do Partido do que fora dele. O Partido, por isso, sofreu de um "internismo" que o prejudicou seriamente.

Um outro erro político grave foi uma incorreta compreensão da relação, estabelecida na Carta Eleitoral, entre luta eleitoral e luta de massas. Hoje, depois das eleições, podemos ver claramente que tivemos êxitos eleitorais onde tínhamos, antes das eleições, luta de massas. É o caso de Estados como São Paulo e o Acre ou de regiões como o ABCD, em São Paulo, ou certas favelas no Rio de Janeiro. Podemos ver claramente que tivemos também êxitos onde a campanha foi levada para as massas, tornando-se a luta eleitoral um instrumento para a construção do PT. Temos inúmeros exemplos individuais de companheiros que, ganhando ou perdendo, jogaram o Partido para as ruas, construindo assim novas ligações de massas para o PT.

Não foi essa, porém, infelizmente, a compreensão da maioria dos nossos companheiros. Não há como deixar de reconhecer que, em muitas partes, a luta eleitoral foi, como tal, subestimada. Muitos não compreenderam que, embora sendo um aspecto secundário da luta popular, a campanha eleitoral deveria ter-se tornado para todos um instrumento de ligação do Partido com as massas. Na compreensão disso, está a raiz de muitos erros, como um doutrinário que não tem nada a ver com a consciência real das massas, um eleitoralismo que se revelou frustrante para a maioria dos que o praticaram, um aparelhismo que não leva a lugar nenhum, etc, etc. E o que é mais grave: na luta política real que se dava durante o processo eleitoral, houve muitos, dentro do Partido, que, sem uma compreensão real do momento, não tiveram firmeza para sustentar a posição do PT onde ela de fato estava. Houve muitos que fugiram "para a frente" (do qual o doutrinário é exemplo típico) e muitos que fugiram "para trás", alguns cedendo mesmo às campanhas de adversários nossos, como a campanha do "voto útil", etc.

A campanha eleitoral trouxe, como se pode ver, alguns ensinamentos. Não se pode dizer que sejam ensinamentos novos, mas ninguém pode negar que sejam válidos. Se os resultados das eleições deixam muito a desejar, não é porque nos tenha faltado uma proposta correta de luta de massas e de organização política a partir das bases. Na verdade, isso é o cerne da proposta do PT como partido político, um partido de tipo novo, de massas, aberto e democrático. Se os resultados eleitorais deixam a desejar foi porque na maioria dos casos não tomamos a sério aquilo mesmo que propomos: organizar a partir dos núcleos e estar presente, lado a lado com os trabalhadores, nas suas lutas concretas. Os poucos êxitos que tivemos durante a campanha se devem a um trabalho de base feito antes ou durante a campanha. É esse o caminho que devemos seguir daqui para a frente.

Temos pela frente muito tempo para fazermos tudo o que não pudemos fazer antes. Nosso caminho não pode ser outro: ampliar a filiação, desenvolver a nucleação,

juntar-se às lutas concretas dos trabalhadores. E temos também inúmeras lutas concretas onde o PT não pode faltar. Está aí o acordo do Governo com o FMI, com todas as suas repercussões sobre as condições de vida dos trabalhadores. Temos uma luta que deve ser permanente, visando mobilizar os trabalhadores e o conjunto do povo brasileiro contra a recessão econômica. Temos também a luta, que continua, contra a Lei de Segurança Nacional, contra a lei de greve, contra as leis que determinam o atrelamento dos sindicatos ao Governo. Temos a luta pela defesa das leis salariais, que o Governo quer mudar em prejuízo ainda maior dos trabalhadores. E temos lutas contra o aumento do custo de vida, saída que o Governo busca para jogar os efeitos da crise em cima dos ombros dos trabalhadores.

São essas as lutas do PT daqui para a frente. E o PT estará preparado para elas na medida em que a maioria dos seus militantes tome a sério a proposta de organização partidária do PT. Trata-se de lutar para organizar os trabalhadores em núcleos, de baixo para cima, em um partido aberto, de massas, democrático, como queremos ser. Organizar a partir dos núcleos e estar presente, lado a lado com os trabalhadores, nas suas lutas concretas. Esse é, desde o início, o caminho do PT. Esse é, também, hoje mais do que nunca, o caminho que seguiremos daqui para diante.

### 5 - Considerações finais

A Comissão Executiva Nacional tem observado em muitos organismos do PT uma propensão a avaliações demasiado genéricas da nossa participação no pleito. Muitos de nossos companheiros falam demasiado das condições difíceis que nós, do PT, tínhamos que enfrentar nas eleições, deixando pouco espaço para a avaliação dos nossos próprios erros e, eventualmente, dos nossos acertos. É certo que enfrentamos condições difíceis, mas nós podemos jogar sobre elas as responsabilidades por nossos próprios erros, assim como não podemos jogar sobre elas os méritos de nossos acertos. Uma avaliação correta do pleito e de nossa participação nele só será possível na medida em que nós tenhamos a coragem de sermos tão objetivos em relação ao nosso próprio desempenho como temos sido para avaliar as condições difíceis em que somos obrigados a atuar.

Essas são algumas das observações que a CEN tem a fazer como contribuição inicial ao nosso debate. Não temos qualquer razão séria para temer um debate aberto entre nós. Não temos qualquer razão séria para temer que esse debate venha a público. O desenvolvimento entre nós da crítica e da auto-crítica, praticadas, como é do espírito do PT, com companheirismo e humildade, só pode vir em benefício do desenvolvimento do Partido, já que nos prepara para um nível elevado de qualidade no trato das questões partidárias.

Comissão Executiva Nacional, Partido dos Trabalhadores.

## Escândalo da mandioca ainda não foi resolvido

### As dificuldades da aplicação da Justiça

Foi novamente decretada a prisão dos sete acusados da morte do procurador da República Pedro Jorge de Mello e Silva, assassinado quando investigava o "escândalo da Mandioca", no Estado de Pernambuco.

Pedro Jorge realizava investigações sobre denúncias de desvio de verbas na agência do Banco do Brasil, em Floresta, interior de Pernambuco, onde quase dois bilhões de cruzeiros foram desviados a título de empréstimos agrícolas e utilizados para outros investimentos como compra de terras e especulação financeira.

Nas investigações, o procurador da República chegou ao nome de 25 pessoas poderosas da região, que compunham um grupo envolvido em várias fraudes semelhantes. Após isso, o procurador foi assassinado a tiros em Olinda, em 3 de março de 1982.

### Julgamento

Sete pessoas foram indiciadas com base nas investigações iniciais do crime: José Ferreira dos Anjos,

Elias Nunes Nogueira, Fernandes Cavalcanti Ribeiro, Euclides de Souza Filho, Irineu Gregório Ferraz, José Lopes de Almeida e Jorge Batista de Souza. Foi decretada a prisão preventiva para os sete suspeitos.

### Indícios

Em julgamento recente, o juiz Genival Matias de Oliveira declarou insuficiência nas provas apresentadas contra os sete acusados e decretou sua libertação.

No dia 9 de novembro, em Brasília, no julgamento realizado pelo Tribunal Federal de Recursos, foi acolhido, por decisão unânime, o recurso do Ministério Público Federal e decretada a volta imediata dos sete acusados à prisão, pois os autos do processo apresentam indícios suficientes para requerer a prisão preventiva dos suspeitos.

Gilberto Marques, advogado da família do procurador assassinado, informou que teve notícias da fuga de alguns dos envolvidos no crime e acredita que será difícil prendê-los outra vez, em face da imensidão do território nacional.